

REVISTA MODERNA

Magazine Quinzenal Illustrado

Director : M. Botelho

Revista Moderna

Artes e Lettras

Summario :

A HESPAÑHA
Eduardo Prado

EM NOME DA HUMANIDADE
M. Botelho

MARIA CHRISTINA
X.

A GUERRA HISPANO-AMERICANA
L. S.

VELA BRANCA
Magalhaes de Azeredo

LIVROS NOVOS
E. P.

A BATALHA D'ATBARA
E. Jordano

SEVILHA E SEVILHANAS
Miguel de Lencastre

ARTISTAS CELEBRES
Espectador

3ª LIÇÃO DE CANTO
P. Marcel

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES
EÇA DE QUEIROZ



SS. MM. A RAINHA REGENTE E AFFONSO XIII, REI DE HESPAÑHA

Redacção e Administração : 48, Rue de Laborde - PARIS

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE

MONKEY BRAND

Sem Rival para limpar toda a especie de metal

RENOVA COMPLETAMENTE DANDO O LUSTRO PRIMITIVO

O SABONETE MONKEY BRAND

Fabricado por BROOKE'S

É EMPREGADO NAS MELHORES CASAS DA EUROPA E AMERICA

MACDOUGAL & COMPANY
SCOTCH TAILORS
1, rue Auber.
PARIS.
(Au coin de la rue Scribe)



55, RUE D'EPERNAY, 55
BRUXELLAS

Fabrica em Namur
Belgica

LEUSSEU FILS & C^o

Fabricantes de Armas de Precisão

ESTABELECIDOS EM 1874

55, RUE D'EPERNAY, 55
BRUXELLAS

Fabrica em Namur
Belgica

Especialidade em carabinas superiores para a caça ; carabinas de tres canos, systema Leusseau -- Um immenso sortimento de artigos para caçadas, explo-rações e sport em geral. Cartuchos Leusseau para todos os calibres.

REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde, PARIZ.

A NOSSA COLLABORAÇÃO

No proximo numero da *Revista* o nosso distincto amigo e notavel escriptor brasileiro **Valentim Magalhães** começará « a sua brilhante collaboração » que será sem cessar seguida pela publicação de ineditas e interessantissimas « *Perspectivas de Viagem* ». Por esta occasião publicaremos na secção *Livros Novos* um estudo bibliographico e o retrato do festejado autor da *Flôr de Sangue*.

Procellarias « por **Magalhães de Azeredo** ».

Annunciamos com grande prazer o muito breve apparecimento das *Procellarias* um bellissimo volume de poesias do nosso estimado collaborador e um dos mais dignos poetas brasileiros « **Magalhães de Azeredo** ».

O nome de ha muito conhecido e consagrado do auctor, dispensa da nossa parte todo e qualquer reclamo laudatorio para essa obra anciosamente esperada. Sómente acrescentamos e que nos seja relevada a indiscripção, que independente da belleza dos versos reunirá este precioso volume uma impressão artistica realçada por maravilhosas gravuras. Bemvindas sejam as *Procellarias* e que fagueiras brisas as façam pairar bem e bem alto como successo litterario.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

O nosso proximo numero consagrará a sua pagina de honra ao « *Centenario das Indias* » publicando o retrato do immortal navegante portuguez Vasco da Gama. Um erudito e bello artigo firmado por um distincto historiador completará a nossa homenagem a esse immortal heroe da Lusitania.

O *Salão de 1898*. — No seu proximo numero a *Revista* publicará um *compte rendu* do *Salão de 1898* acompanhando esse artigo de critica com a reprodução dos quadros mais notaveis e especialmente os dos Artistas brasileiros e portuguezes que alli figuram. Desde já chamamos a attenção dos nossos leitores para esse trabalho bem como para as interessantes gravuras que o illustração.

BRAZILEIROS E PORTUGUEZES EM PARIZ

A bordo do paquete inglez *Thames*, desembarcou em Cherburgo no dia 7 de

Maio o Sr. D^r Manoel Ferraz de Campos Salles, governador do Estado de São Paulo, hoje eleito Presidente da República do Brazil. A viagem de S. Ex. á Europa tem como objectivo, segundo noticiou a Imprensa, estudar e conhecer de perto as causas das nossas desgraçadas condições de credito no estrangeiro, procurando sem demora remedial-as com o prestigio das suas boas informações e o valor dos compromissos de que a sua alta posição poderá garantir uma segura execução.

Presidente ou Imperante, seja qual fôr o titulo do Chefe de Estado, o seu mais urgente dever deante de um tal estado de couzas é procurar todos os meios de levantar o Brazil d'esta angustiosa situação financeira sem exemplo na nossa historia, situação que toma proporções de uma calamidade nacional. Sua Excelencia prestará assim ao nosso paiz o maior serviço que um homem d'Estado poderá fazer e n'essa justa esperança todos os nossos sinceros votos acompanham e desejam um grande successo á viagem presidencial.

Eça de Queiroz. — Brevemente regressará de Portugal d'entre a familia e os bons amigos que o guardaram por mais de um mez o nosso distincto Director Litterario e eminente collaborador *Eça de Queiroz*. Completamente restabelecido da sua saude, voltará o brilhante escriptor com um *stock* d'energia e novas forças que farão o contento dos seus milhares d'amigos e leitores.

Edgard Godefroy. — De volta do Brazil onde fez uma pequena *Tournée* como Administrador e Representante da *Revista Moderna*, chegou ha alguns dias a Paris o nosso dedicado companheiro de trabalho o Sr. *Edgard Godefroy*. O magnifico resultado obtido pelo nosso representante tradusido pelo successo sempre crescente da « *Revista* » e o bom acolhimento que o mesmo recebeu de todos e por toda a parte, fazem-nos o alegre dever de um publico agradecimento á Imprensa brasileira e a todos os nossos bons e sinceros amigos que facilitaram a tarefa do nosso estimado companheiro.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

Os *jagunços* por Olivio de Barros, 2 volumes, São-Paulo — Historia de uma seita que perseguida e atacada defendeu heroicamente as suas crenças.

O Sr. Olivio de Barros numa linguagem desprerenciosa e num bello estylo descreve-nos a movimentada campanha do Conselheiro e a valente resistencia do seu partido sómente abtido e dispersado, depois da morte do chefe. Na nossa secção de bibliographia nos occuparemos brevemente d'esses 2 interessantes volumes.

Revista Brasileira. — 3^o anno de existencia — Director José Verissimo — Rio de Janeiro — Publicação litteraria e mensal; recebemos os fasciculos 72, 73, 74, 75, 76. Inteligentemente dirigida e brilhantemente collaborada é a *Revista Brasileira* a unica publicação desse genero em todo o Brazil. A sua leitura é instructiva e variada, sendo todos os seus bellos artigos firmados pelos melhores escriptores brasileiros como Taunay, A. Celso, D^r Chuls, Domicio da Gama, João Ribeiro, Oliveira Lima, Joaquim Nabuco, Saïd-Ali, Magalhães de Azeredo, Graça Aranha, Salvador de Mendonça e outros muitos.

Revue Illustrée. — Editor Ludovic Baschet — 12, rue de l'Abbaye — Paris. Esta muito artistica publicação francesa nunca desmerece das suas bellas tradicções. Os seus 2 ultimos numeros nove e dez dedicados a *Paul e Victor Margueritte* e *Georgette Leblanc* trazem uma grande variedade de gravuras originaes e a côres, sobressahindo d'entre ellas as reproducções dos melhores quadros do Salão.

A *Revista Moderna* procurando dar aos seus numerosos leitores noticias de talhadas da grande guerra Hispano-Americana, desenvolveu largamente esta parte noticiosa, magistralmente feita por um dos nossos distinctos collaboradores, fazendo acompanhar o texto das mais variadas e interessantes illustrações sobre a lucta de terra e mar cheia dos mais commovedores episodios e das mais bellas heroicidades.

Revue du Brésil. — Director : A. d'Atri — 56, rue St-Georges — Paris. Os numeros 36 e 37 confirmam os precedentes, continuando sempre a interessante serie de photographias ineditas sobre monumentos, personagens e perspectivas do Brazil que bastante successivamente ter entre os seus numerosos leitores europeos. O seu texto polyglota trata as diversas questões da Industria, Finanças, Arte e Litteratura com grande claresa e completo discernimento.

Artistic-Brazil. — Director L. Guimarães — 26, rue des Sablons — Paris. Caricaturista Franco-Brazileiro apparecendo todos os mezes. Impresso a côres e fazendo honra ao titulo; artisticamente desenhado. O ultimo numero 3 traz uma bem acabada cabeça do presidente Campos Salles ao qual o nosso collega deu uns bigodes de Principe Napoleão. O texto variado e espirituoso é salpicado de alegres illustrações.

Revue de la Diplomatie. — Director, René Breviaire — 50, Boulevard Hausmann — Paris — Numeros 28 e 29 consagrados a S. M. a Rainha d'Hespanha, e ao embaixador Persa em Paris, General Naz-Araga. O movimento do corpo diplomatico e artigos de actualidade politica occupam o texto d'este bem feito Quinzenario.

« *Sport Universel* » — Director J. Romain — 13, rua de Londres — Paris Numeros 93, 94 e 95, tratando do sport em geral; corridas a pé e de velocipedes. Concurso de automoveis e Turf europeu. Concurso hippico de Lyão. A caça das raposas na Italia e diversas outras interessantes secções acompanhadas de numerosos desenhos.

« *Le Brésil* » Director : Dr. Argollo Ferrão — 19, Boulevard Montmartre — Paris. O sempre completo e noticioso semanario brazileiro em Paris, trazendo em todos os seus numeros um magnifico resumo politico dos diferentes paizes Sul Americanos o Retrospecto da imprensa brazileira e varias noticias sobre todos os Estados do Brazil.

Recebemos ainda mais os seguintes e excellentes jornaes quotidianos —

« *Jornal do Commercio* » de Porto Alegre — « *Diario Popular* » de S. Paulo — « *Germania* » de S. Paulo — « *La Tribuna Italiana* » de S. Paulo — « *Nova de Julho* » de Beja, Portugal — « *Gazeta de Bragança* » Coimbra — « *15 de Novembro* » de Sorocaba.

« *A Moda Elegante* » publicada pela casa Guillard-Aillaud — Boulevard Montparnasse, Paris — Correio de modas destinado ao Brazil e Portugal. Profusão de elegantes figurinos a côres e uma grande variedade de toiles para todas as edades.

Coupable ou Non? por Justin Vanex, editor Stock, Galeria do theatro francez. Palais Royal — Uma brochura de 100 paginas procurando demonstrar com o apoio de provas a nullidade dos documentos nos quaes se baseou a condemnação do capitão Dreyfus.

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL	FRANÇA	PORTUGAL
e outros paizes da União Postal.		
Um anno. 50\$000	Um anno 40 francos	Um anno 10\$000
6 mezes. 30\$000	6 mezes. 24 »	6 mezes. 5\$500
Numero avulso. 2\$500	Numero avulso. 2 »	Numero avulso. 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro. LAEMMERT E C^{ia}, Rua do Ouvidor.
São Paulo CASA GARRAUX, Rua de 15 de Novembro.
Pernambuco. LAEMMERT E C^{ia}, Rua Marquez de Olinda.
Pará. LIVRARIA COMMERCIAL, Rua João Alfredo.

Pelotas, Porto Alegre e Rio Grande CARLOS PINTO E C^{ia}.
Santos. F. MATTOS ET C^{ia}.
Campinas ALFREDO GENOUX.
Ceará JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.

A REVISTA MODERNA acha-se a venda em todas as livrarias de Portugal

PARIZ : Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde e Librairie nouvelle, Boulevard des Italiens
LONDRES : Arsenio Pinto Leite e C^{ia}, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.
A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

A HESPAÑHA

EM Maio de 1779 luctavam os Norte-Americanos pela sua independencia. O general inglez Mathews devastára completamente a Virginia, talando os campos, incendeando as herdades, reduzindo a verde paizagem d'aquelles valles a um quadro de cinzas e ruinas. Washington, com difficuldade occupava West-Point ultimo baluarte da liberdade americana. No anno seguinte Charleston cahia em poder dos Inglezes commandados por Sir Henry Clinton: sete mil Americanos eram aprisionados e capturados quatrocentos canhões. O terror apavorava os Americanos e toda a Carolina do Sul fazia a sua submissão aos Inglezes. Lord Cornwallis, commandante inglez, levantava fôrças e enforcava methodicamente os rebeldes. Reinavam no exercito americano o desanimô e a indisciplina e crescia o numero das deserções. O general americano Arnold passava para o inimigo e Washington já receava decerto cahir prisioneiro dos inglezes como outr'ôra capitulára deante dos francezes, durante a guerra do Canada. Cada dia via enfraquecidas as suas fôrças, porque, sendo curto o prazo do serviço no alistamento dos seus soldados, nada detinha os Americanos nas fileiras uma vez esgotado aquelle prazo e por isso o general americano, renovando sempre as suas fôrças, só dispunha de soldados bisonhos. A sua unica esperanza então e depois a sua salvação, foram os soldados francezes de Rochambeau e de Lafayette.

A Hespanha então, alliada á França, atacando a Inglaterra, favoreceu de modo efficaz os americanos. A declaração de guerra á Inglaterra foi recebida em toda a Hespanha com o nobre e fatal entusiasmo tantas vezes causa de ser levado aquelle povo generoso ao sacrificio. Affluiram a Madrid offerecimentos de soldados e de dinheiros feitos pelos Cabidos, pelas municipalidades, pelos prelados, pelos particulares. Todos sacrificavam os seus interesses para fazer face á guerra. A villa de Alcalá de los Gazules, os povos do valle de Salazar de Navarra, os de San Lúcas de Barrameda e Jerez, davam gratuitamente as suas madeiras para a construcção de navios. Os *ayuntamientos* subscreveram grandes quantias e o Consulado e o commercio de Cadiz armaram á sua custa vinte navios. Em Malaga, o marquez del Vado deu toda a sua grande fortuna. O marquez de San Manceés de Arás, o coronel don Manuel Centurion, don Juan Antonio de los Heros, o deputado dos Cinco Gremios Mayores, deram o exemplo da maior generosidade e todo os dias a Côrte agradecia offertas: a um de seiscentos álamos seculares cortados nas suas terras; a outro de duzentas mil arrobas da sua vindima; a aquelle de duas mil rezes, a este de trezentos mil reales, aquelle outro de trinta mil ducados, tudo para combater a In-

glaterra prestes a esmagar os Norte-Americanos. E, por ultimo, as damas de Cadiz armavam, á sua custa, um grande navio de guerra.

* * *

Em 1898 a Hespanha faz novos e supremos sacrificios e os faz com heroismo mas sem esperanza.

Fallou ha dias Lord Salisbury, oraculo da philosophia practica dos anglo-saxões dos dous mundos e disse: As nações fracas e mal governadas devem desaparecer. Fallára antes Mac Kinley declarando assistir a uma nação o direito de intervir nos negocios de outra quando os seus interesses commerciaes soffrem e quando ha paizes que administram mal o seu territorio. E dias depois os jornaes inglezes annunciam quasi officialmente a alliança dos Estados Unidos e da Inglaterra. Ora os povos da America do Sul são fracos, são mal governados e não pagando os juros da sua divida ao estrangeiro estam prejudicando ou projectam prejudicar os interesses de cidadãos de paizes fortes. Não podem vêr, sem anciedade, o direito novo proclamado pela Nova-Alliança. Já Sir John Lubbock condemnou as empresas coloniaes africanas como excusadas para a expansão ingleza e apontou para a America do Sul como mais rica, mais accessivel, tendo sido até agora *a waste continent*, um continente desperdiçado...

A lucta dos Estados Unidos e da Hespanha é talvez o prologo de um drama universal, representado em fórmulas novas, com desprezo pela arte antiga e pelas convenções fóra de moda, taes como o Direito em geral e o comico Direito Internacional muito especialmente. Nos paizes fracos devia ser prohibido o estudo desse pretendido Direito, origem de perigosas illusões entre os povos e de uma falsa confiança entre os governos de boa fé. A guerra actual justifica essa opinião. Os Estados Unidos capturam navios mercantes hespanhoes antes de esgotado o prazo dado á Hespanha para responder a um ultimatum; capturam outros sahidos do seus portos de origem ignorando o rompimento das hostilidades começadas sem previa declaração de guerra; a esquadra que bloqueia a Havana ora parte ora volta ao seu posto estabelecendo assim, sem conhecimento dos neutros, a intermittencia do bloqueio; em Porto Rico, sem o aviso obrigatorio pelo uso humanitario começa o almirantê Sampson o bombardeio; nas Phillipinas, o almirante Dewey emprega nos seus projectis substancias incendiarias que prohibem convenções internacionaes subscriptas pelos Estados Unidos.

Em resposta a isto a Hespanha dá generosamente aos navios americanos fundeados em portos hespanhoes o

prazo de trinta dias para a retirada e um vapor americano, chegando a Barcelona depois da declaração de guerra, sahe sem ser molestado. Os debates do Congresso Americano são ataques de epilepsia collectiva e não deliberações da representação de um povo civilizado. Espumantes de raiva, aquelles senadores, com as algibeiras recheiadas de vales dos insurgentes Cubanos que querem transformar em ouro, a custo de uma guerra odiosa, os mesmos senadores, ha trez annos publicamente convencidos de terem sido comprados pelo Syndicato assucareiro — vomitam as mais baixas injurias contra a Hespanha. As auctoridades assistem á dilaceração da bandeira hespanhola como já tinham assistido ás mil offensas feitas aos diplomatas hespanhóes antes da declaração de guerra. Os insurgentes cubanos, instrumentos inconscientes da politica dos syndicatos senatoriaes e assucareiros dos Estados Unidos que especulam sobre o sangue e o heroismo de patriotas, não conseguem a menor prova de consideração da parte de seu pretensio protector, o Governo de Washington que pertinazmente recusa reconhecer o chamado governo revolucionario. Já a imprensa americana fallou em expulsar de Cuba os hespanhóes e os cubanos tambem. E este é o destino dos pobres cubanos. Os mexicanos habitantes do Texas que em 1839 romperam com o Mexico e quizeram formar uma nação independante foram auxiliados pelos Estados Unidos. Mas depois? Foram expulsos, por assim dizer, da sua terra quando esta foi annexada mais tarde á União, expellidos pela concurrencia invencivel, dizimados pelos lynchamentos. O caso do Texas será o caso de Cuba.

Se a humanidade é o sentimento inspirador dos Estados Unidos na sua intervenção na Ilha como é que, tendo durado a passada revolta dez annos e durando esta já mais de trez, esteve até agora impassivel a philantropia norte-americana? Foi a revolta favorecida constantemente pelos americanos que, com annuencia do governo, mandavam armas e expedições filibusteiras a Cuba. Estes soccorros eram medidos e espaçados; nunca foram bastantes para dar a victoria aos cubanos e nunca cessaram porque era preciso deitar sempre lenha ao fogo, alimentando o incendio para que fosse destruida a industria assucareira e realizasse milhões de lucro o syndicato que ha annos tomou conta do Senado e da Administração em Washington.

Os Estados Unidos, pela voz do seu Presidente, dos seus ministros de varios credos religiosos, dizem que declararam esta guerra pelos motivos os mais elevados, nobres e puros. E como em Cuba havia miseria a essa miseria ajuntaram o bloqueio e o bombardeio, isto é a fome e a morte. São estes os primeiros beneficios da philantropia americana. Mais tarde, a metade senão a maioria da população de Cuba, composta de negros e mulatos, gozará de outros favores. Seja pelo dominio directo e confessado, seja pelo protectorado, seja pela invasão dos americanos ricos, energicos ou sem escrúpulos, esta população cubana vae ficar sob o jugo americano. E então, os negroides cubanos serão tratados como os homens de côr são tratados nos Estados Unidos. Hoje, em Cuba, sob o tão vilipendiado jugo hespanhol, não ha odios de raças e em pé de egualdade, negros e brancos entram no mesmo theatro e na mesma Igreja. Não ha desprezo nem aversão pela gente de côr. O negro

está sujeito ás mesmas penas e á mesma administração boa ou má a que está sujeito o branco.

Vejamos agora, na grande Republica, sob o dominio da religião christan e da liberdade, qual é a situação do homem de côr, nos Estados do Sul, apenas separados de Cuba por um estreito braço de mar.

A grande guerra civil deu ao negro a liberdade e todos os direitos de cidadão, e portanto n'aquella livre republica o negro devia ser tratado com muito mais humanidade que na mal fadada e mal governada colonia dos crueis hespanhóes. E na verdade ha grandes differenças. A primeira differença consiste no desprezo esmagador que nos Estados Unidos tem pelo negro o seu concidãdo branco. O mais miseravel branco prefere não ir á Igreja, prefere não receber a Sagrada Communhão, a ajoelhar ao lado de um negro e uma creança negra onde não houver escolas especiaes para gente da sua côr, ficará sem instrucção porque lhe será vedada a entrada de uma escola de creanças brancas. O negro é cidadão, o negro tem direito de votar mas quando quer exercer esse direito de modo a contrariar o branco, o branco compra armas e a tiro e a bala mata ou afugenta o eleitor. E as communhões religiosas, as associações de beneficencia, como a Young Men's e a Young Women's Christian Associations, a Christian Temperance Society, as igrejas e as escolas cerram as suas portas ao negro desprezado. Nem tão pouco ha justiça para o negro. O negro suspeito de criminoso é caçado como um animal feroz, com cães ao rasto, matado a tiro e se é agarrado vivo, se não é enforcado, depois de grandes torturas, é queimado vivo, a fogo lento, nas praças mais publicas. Por esses methodos, mais ou menos atrozes, segundo a estatistica official de 1886 a 1894, foram mortos nos Estados do Sul para mais de mil negros. Ha poucos annos, uma mulher eloquente, Miss Ada B. Wells, do Tennessee, veio a Londres vêr se levantava a opinião publica ingleza contra essas atrocidades de modo a influir sobre as classes dirigentes dos Estados Unidos. Mas nada conseguiu apesar do seu commovente discurso na reunião annual da Aborigenes' Protection Society. Ha nos Estados Unidos um accordo tacito e hypocrita para não discutir esta questão e todo o mundo por acção ou por omissão é assim cúmplice d'aquelles crimes.

E é este o futuro que por suas mãos e para si, a custo de tanto soffrimento e de tanta lucta, têm estado a preparar os infelizes cubanos!

* * *

O Governo americano outr'óra declarava á Hespanha que, se fosse abolida a escravidão em Cuba consideraria isso caso de guerra. Hoje faz guerra á Hespanha por esta não querer a separação de Cuba que os cubanos desejam. E n'outro tempo os americanos fallavam e hoje ainda fallam em nome da Humanidade!

Em frente aos Estados Unidos ha uma outra ilha cujos habitantes vivem na maior pobreza e oppressão e reclamam, ha seculos, o direito a um governo seu e proprio. Infelizmente, a Irlanda não é rica, não tem as fartas culturas de Cuba e por isso não é interessante aos olhos do humanitarismo dos politicos de Washington. Demais, a esquadra ingleza bastaria para esfriar as veleidades libertadoras dos humanitarios americanos.

* * *

Isto tudo, porem, são palavras... Ha n'este momento cadaveres insepultos nas praias, outros oscillantes no fundo dos mares e o ceo das Antilhas e o dos confins da Malasia é turvado com o fumo dos incendios. O pão é cada dia mais caro e os insaciaveis especuladores de Chicago ignoram ou desprezam o sangue dos pobres que, nas aldeias da Europa, é derramado nos tumultos que a fome levanta. E a Republica de Washington repudia os conselhos supremos do seu fundador, sendo, mais uma vez, aggressiva e violenta. E os herdeiros de Jefferson que ideava uma republica de virtude nos moldes de Montesquieu e de Rousseau, substituiram essa Republica por um Moloch sanguinario que proclama a supremacia da Força e a negação do Direito.

A Hespanha, deante desta resurreição carthagineza de uma civilisação politica tendo só o interesse material por fim, representa, no seu heroico isolamento, o que ainda pôde haver de nobre na natureza humana. E por isso é ella incomprehensivel para o mercantilismo pratico dos americanos. Como! Pois ha ainda nestes tempos um povo que prefere perder com honra as suas colonias a, interesseiro e vil, a troco d'ellas receber dinheiro?

O hespanhol é um objecto de pasmo para o Americano. O hespanhol é, porem, o ultimo representante da honra humana. É a ruina! *No importa!* É a morte! *No importa!* Graças aos Hespanhoes, ha ainda, na superficie do globo, umas tantas leguas quadradas onde o dinheiro não é tudo. E esta independencia, não será uma força?

A theoria de Lord Salisbury de que os fortes ficam sempre mais fortes e os fracos mais fracos não encontra sempre confirmação na Historia. Ha, entre as nações,

decadencias que começam no auge da força e resurreições á beira dos tumulos. E demais, a força é uma superioridade relativa; o forte pôde encontrar um mais forte e o mais forte de todos é, por sua vez, mais fraco contra todos reunidos.

Em frente da Hespanha e dos ouiros paizes mal governados, destinados a desaparecerem segundo a theoria anglo-americana, destes povos que, segundo Sir John Lubbock, estão espediçando um continente, o governo dos Estados Unidos, riquissimo, fortissimo é elle proprio um escravo da plutocracia monopolista, sem alma nem piedade, que esmaga os pobres e compra senadores, diplomatas, presidentes. E essa plutocracia tyrannica, egoista e feroz, com mais poder do que os reis paternaes da Media Idade, vive apenas da tolerancia do operario que ella opprime. E todos os pensadores veem claramente, no futuro proximo dos Estados Unidos, a tremenda reacção do operario que soffre, que já murmura indignado. E quando toda aquella massa de milhões e milhões de homens, erguida e unida, reclamar e se fizer justiça, ella será, por sua vez, mais forte do que tudo e do que todos e a grande Republica sem entranhas, encarnação do monopolio, da fraude e da hypocrisia, será afogada no sangue, será consumida no fogo do incendio que será o maior e o mais justo dos castigos que a Historia hade registrar.

Então a Hespanha, pobre mas inabalavel como as suas serranias escavadas, poderá contemplar o incendio do outro lado do mar que outr'ora ella abrio para o mundo. O hespanhol, envolto no seu manto esfarrapado, com uma independencia que não tem um Vanderbilt dentro sua casaca, riria então e escarneceria, se a môfa e o escarneo fossem compatíveis com a grandeza, a dignidade e a fidalga compostura da sua raça.

EDUARDO PRADO.

N'UM THEATRO DE LONDRES



DESILLUSÃO

N'uma platéa installado
Um dia me achava eu,
Mas tinha o olhar velado
Por formidavel chapéu.

De sorte que em vez de scenas,
Eu só via um monte airoso
De rendas, plumas e pennas...
Então, de um modo gracioso

Pedi á dona do monte
(Que acceden a meu contento)
Deixasse sua linda frente,
Desguarnecida um momento.

Rompeu-se p'ra mim o véu...
Mas no fim de meia hora,
Implorei: « Minha senhora,
Queira repór o chapéu ».

Em nome da Humanidade!

FAZEM justamente cinco annos que o senhor duque de Veragua, ultimo descendente official do immortal descobridor d'America, partia para os Estados Unidos, a convite do governo Americano, que sollicitara do illustre fidalgo hespanhol, a honra de presidir solemnemente a abertura da colossal feira de Chicago.

A grande Republica que, n'essa epocha, parecia possuir uns restos de deferencia para com a verdade historica, fez ao digno representante de Colombo uma grandiosa e imponente recepção.

Era então presidente o honesto e probo Grover Cleveland, de saudosa memoria, que, associando-se ao entusiasmo aparentemente sincero do seu povo, recebeu com honras reaes e desusado ceremonial nos salões da Casa-Branca, o nobre filho d'Hespanha, que, com tanta dignidade e direito, vinha afirmar o bello conagraçamento do Velho e Novo-Mundo.

O nome de Veragua tornou-se popular em toda a União, e quando em Chicago, rodeado pelos representantes dos quarenta e seis estados da Republica, terminava a leitura do discurso inaugural que abria o *World's Fair* a admiração do mundo, foram as suas ultimas palavras cobertas pelos applausos da multidão, que aclamava na sua pessoa a grande nação Hespanhola.

Alguns mezes depois, acabadas as ruidosas festas e bem apagadas as brilhantes luminarias, a imprensa d'esse paiz annunciava como o mais natural dos acontecimentos, a partida da primeira expedição flibusteira que de Key-West destinava-se a Cuba começando a insurreição e a guerra civil, cujas consequencias deploraveis hoje presenciavamos.

Ficou então tristemente verificado que todas as entusiasticas recepções e as tão *sinceras* homenagens feitas ao hospede illustre que de bem longe viera, não tinham sido senão uma cinica mascarada de sentimentos, ou ainda talvez, desoladora hypothese, uma torpe especulação de *barnums* de exposições, explorando a presença de um Grande de Hespanha como *clou* inaugural.

A começar d'esse momento, a entrada em scena do poderoso syndicato guerreiro e a sua existencia official nas Bolsas de New-York e de Chicago, foi um facto universalmente notorio e que somente por pura conveniencia o governo de Whashington tinha a ingenuidade de ignorar.

A empreitada foi levada com vigor e perseverança, e os navios da *commandita* millionaria, carregados de mercenarios, viveres e munições, partiam successivamente das costas da Florida, illudindo com facilidade a tão apregoada vigilancia de um governo, que mais tarde se declarou incapaz de reprimir esse escandaloso attentado contra as leis internacionaes, e que hoje pretende ser bastante forte para bloquear Cuba, Phillipinas e Porto Rico e ainda mais destruir a Hespanha!

O que iam fazer a Cuba todos esses aventureiros, dos quaes nem um terço eram hespanhoes?

Alistar-se nas fileiras de chefes ousados e patriotas, e combater lealmente pela independencia da ilha, favorecendo assim um levantamento geral da população contra as pretendidas tyrannias da Metropole?

Não. Bem differente era o programma d'esses redemptores de uma patria opprimida.

Esses batalhões de guerrilheiros cosmopolitas, commandados por um *general* que não é Cubano, teem como missão principal espalhar o terror, pelo assassinato, incendio e destruição, e jamais combater.

As honrosas excepções, como Antonio Maceo, soldado valente e cubano patriota, esses batalharam francamente e souberam morrer com intrepidez.

Mas essa nobre tactica não convinha aos mercadores de Chicago, e o objectivo d'esses especuladores sem consciencia e traficantes sem honra, era de entreter em Cuba um perenne estado de guerra, com o seu cortejo de miserias e maldições, até que a grande União a *bem da humanidade* resolvesse intervir.

Obrigar ao mesmo tempo a Hespanha a ruinosos sacrificios financeiros, para sustentar esse grande exercito de duzentos mil homens, sabiamente organizado e enviado a Cuba, pelo digno general Azcarraga, mas que uma vez chegados á grande ilha fatigavam-se e enfraqueciam-se nas eternas contra-marchas, perseguindo um inimigo que, nullo pelo seu effectivo, adoptára o plano pouco honroso de sempre fugir.

E quando depois de quatro annos de sanguinolenta lucta, a humanitaria União resolveu intervir, repellindo as mais honrosas intervenções de paz e declarando deante de todo o Universo, assombrado por tanta audacia e menosprezo das leis, essa abominavel e monstruosa guerra; verificou-se que o numero de homens armados que reclamam a independencia de Cuba não excede 4 a 5 mil, quando a população da ilha sobe a *um milhão e quinhentos mil*.

A imprensa jacobina que prégoou constantemente a guerra nos Estados Unidos, assalariada pelos milhões do syndicato, mentia impudentemente ao seo governo affirmando-lhe que os insurrectos bem armados e municia-dos elevavam-se a muitas dezenas de mil.

Está demonstrado e confirmado pelo proprio estado-maior americano que o concurso dos insurgentes para a tomada de Cuba é nullo, e que os poucos mil que existem necessitam d'armas e de uma boa organização, sem o que nada poderão fazer.

E foi a titulo de socorrer essa minoridade infima e ridicula que o governo de Washington declarou a guerra em nome da Humanidade! Tartufismo revoltante e santa hypocrisia.

Esfomeados e miseraveis existem em todas as guerras; e os pobres *reconcentrados* que provocaram as lagrimas de crocodilo da ternura Yankee, são certamente as victimas innocentes dos incendios e devastações dos revoltosos.

O Sr. Mac-Kinley soube declarar a guerra, mas não teve forças para impedir as expedições flibusteiras; pois bem; se não fosse tolerado esse commercio de flibusteiros entre a Florida e Cuba, não mais haveria insurreição e *reconcentrados*.

Seja qual for o resultado, d'essa lucta injusta e desigual, o juizo universal já está feito e pronunciado sobre as intenções dos Estados Unidos.

A magnanima intervenção do Chefe supremo da

Christandade elevando a sua voz prestigiosa e pedindo em nome da Humanidade, uma tregua de Deus, foi recebida com um ignorante esgarço pelos velhos senadores do Capitólio que parecem regular as suas decisões patrióticas pelas dosagens de bem preparados e estimulantes *cok-tails*.

E a Europa impavida consente a um semelhante e inqualificável insulto contra uma nação do seu continente que se não é potencia de primeira ordem, guarda com dignidade e independencia a sua posição de paiz glorioso.

Esse burlesco e lastimável accordo europeu, maltratado e ridicularizado pelo machiavelico diplomata que é o Sultão; confessa-se impotente deante das ameaças dos congressistas de Whashington, recebendo d'esses illustres senhores, sem o menor protesto, uma serie de humilhações sem nome.

A guerra contra a Hespanha não é mais que uma vasta companhia de interesses inconfessáveis e incompatíveis com a civilização do nosso seculo.

De ha muito acha-se gravado nas decisões do destino americano, que Cuba deveria augmentar a constellação da grande Republica. Já em 1823 o Sr. Adams, secretario d'Estado na presidencia do grande Monróe escrevia o seguinte: *existem certas leis de gravitação politica que têm a mesma precisão mathematica que as de gravitação physica; se um fructo derribado por uma tempestade da arvore que o produzio deve fatalmente cahir á terra em virtude da lei de gravidade, assim Cuba, desligada de seus laços com a Hespanha e incapaz de se manter por si propria gravitará para a União-Norte-Americana, que seguindo a mesma lei da natureza não a poderá repellir do seu seio* *.

Que suggestiva clareza tem esse documento genuinamente official que nós mostra com transparente limpidez o estado d'alma da America ha setenta e cinco annos passados.

E esse estado d'alma manteve-se até aos nossos dias affirmando a sua existencia latente nas diversas insurreições que a America do Norte organisou contra Cuba.

Durante a revolta que tomou o nome de Guerra dos Dez Annos terminada pela convenção de Zangon assignada em Fevereiro de 1878, o general Sickles, então ministro dos Estados-Unidos em Madrid, negociava com grande empenho um armistício em favor dos insurgentes; e nessa mesma epocha um incidente escandaloso veio difficultar as combinações do diplomata americano, sempre protestando pela neutralidade e boas intenções do seu paiz; referimo-nos á captura do navio *Virginius* carregado de flibusteiros e munições, navegando sob a bandeira da União.

Quando em 1850, um transfuga do exercito hespanhol o marechal de campo Don Narciso Lopez apresentou-se deante da cidade de Cardenas, o seu pequeno exercito era todo composto de americanos, e uma vez derrotados appressaram-se em fugir para Key-West que desde essa data representa geographicamente um grande papel nas guerras de Cuba.

Repellido em 1850 volta Narciso Lopez em 1851 á frente de quinhentos soldados improvisados com os quaes teve elle a audacia de atacar uma ilha defendida por vinte mil combatentes. Mais uma vez derrotado e

feito prisioneiro na batalha das Pozas foi vinte e quatro horas depois julgado e fusilado por ordem do capitão geral Don José de la Concha.

Dos seus partidarios, que eram na sua maioria americanos e pertencentes ás melhores familias conta-nos o historiador que somente 176 conseguiram escapar com vida á mortandade do combate; mas todos, sem uma só excepção, foram aprisionados e iam ser passados pelas armas quando o Presidente dos Estados-Unidos forçado pela opinião publica appellou para a clemencia da Rainha Izabel.

A Soberana com effeito perdoou, e os 176 soldados de Narciso Lopez puderam assim, graças a magnanimidade real, voltar á patria e aos seus lares.

Organizada e prompta achava-se uma outra expedição forte de cinco mil homens e commandada pelo general americano Houston que á vista do fim tragico de Lopez e seus companheiros resolveu não partir, dissolvendo o seu exercito.

Alguns annos passados ainda um official da União, o general Guittman de volta da guerra do Texas installa-se no estado do Mississippi e ali organisa uma nova partida contra a tão malfadada ilha.

Quatro mil homens esperavam o momento do embarque, quando, avisado por um certo Rodriguez o governador hespanhol descobre a conspiração, e prende na Havana os principaes chefes, Ramon Pinto e Estrampas, desorganizando assim a pretendida invasão.

Por esta muito breve e summaria recapitulação nós vemos qual foi o papel dos americanos nas guerras de Cuba desde 1820, fazendo caminhar sem descanço a prophesia do secretario d'Estado de Monróe.

Pois bem, a tempestade desencadeou-se para derribar o fructo e o Sr. Mak Kinley dignissimo successor do Sr. Adams espera impaciente a realisação das leis da natureza.

Mas seja qual for o resultado d'essa guerra terrivel e inhumana a heroica e nobre Hespanha d'ella sahirá engrandecida e respeitada pela admiração universal.

Os Estados-Unidos fortes do seo dinheiro acabrunham o povo hespanhol das mais amargas humilhações, pensando talvez que a inesgotavel riqueza de que elles dispõem é bastante sufficiente para esmagar a Hespanha.

Os descendentes de um povo que tem como patrimonio uma epocha incomparavel como a de Carlos-Quinto, onde o herdeiro de Fernando e Isabel conservava nas suas mãos a corôa do santo imperio romano das nações germanicas, os vastos domínios da casa de Borgonha, o Milanez e Napoles na Italia, os direitos hereditarios dos Habsburgos na Austria, Styria, Tyrol, Bohemia e Hungria, a peninsula iberica inteira e todos os Eldorados do Novo-Mundo, que acabavam de surgir das ondas; esses descendentes, não podem se deixar sacrificar, por uma nação que pretende elevar a usurpação á altura de um direito.

Quando se possui na historia das suas tradições todo um passado de gloriosos seculos, e de extracordinarios feitos, quando a alma popular é guiada pelo immortal cavalheirismo de um Cid Campeador, quando n'este fim de seculo de traficantes ainda se conserva uma patria immaculada e pura não se é impunemente conquistado por vendedores de assucar e manipuladores de *old bacon*.

M. BOTELHO.

* Nota de M. Adams a M. Nelson, 28 Abril de 1823.

MARIA CHRISTINA

Em fins de 1879, Affonso XII, rei de Hespanha, ainda de lucto pela morte da adoravel Rainha Mercêdes que esposara havia un anno apenas, vendo o seu throno sem herdeiro e forçado pela razão de Estado resolvia casar-se novamente. Guardando ainda no seu coração a lembrança da esposa fallecida, não podia pensar o jovem rei n'um casamento de amôr. Sómente a politica, os interesses dynasticos e o futuro da Hespanha poderiam e deveriam influir na sua escolha? Vivia n'esse tempo na Austria, uma pallida archiduezza de vinte annos á qual elle vagamente conhecia mas cujas altas qualidades e virtudes não ignorava. Neta do valoroso archiduque Carlos que no tempo das grandes guerras foi um heroico defensor da sua patria, chamava-se essa princeza Maria Christina.

Affonso XII pedio-a em casamento. Um dos mais altos senhores de Castilha foi enviado a Vienna para fazer esse pedido official, que Maria Christina aceitou com authorisação do Imperador. Tempos depois os Hespanhoes festejavam em Madrid a chegada da sua nova rainha; que sem ser de uma grande belleza era elegante, sympathica e bondosa. O seu rosto sereno e modesto, o seu olhar intelligente e meigo conquistaram o povo e o rei.

Seis annos passaram durante os quaes a familia real viveu feliz. Duas princezas nasceram e a alegria voltou á Côrte entristecida pela morte de Mercêdes. Da nova rainha eram todos unanimes a proclamar a bondade de coração e a amenidade de character. Os mais severos ousavam sómente dizer que a soberana pouco se occupava dos negocios publicos, querendo d'ahi deduzir uma fraqueza de espirito.

Nos ultimos mezes de 1885, quando foi officialmente annunciado que ella ia ser mãe pela terceira vez o contentamento foi geral. Todos esperavam que a Providencia dotaria a Hespanha de um Infante. Mas já a tempestade pairava sobre esta augusta tranquillidade. Uma doença do rei considerada a principio de pouca gravidade tomou rapidamente um character assustador. A 29 de Novembro, quatro dias depois do sexto anniversario de seu segundo casamento, quando os ministros estavam bem longe de acreditar no proximo perigo, adiando assim a partida do rei para a Madeira, aconselhada pelos medicos, Affonso XII expirou nos braços da infeliz rainha.

Foi então, para os Affonsistas, um momento de terrivel angustia. Qual seria o destino reservado á monarchia hespanhola? A constituição declarava Maria Christina regente; mas o que poderiam esperar de uma jovem senhora de vinte e seis annos que até essa epocha vivera sempre voluntariamente afastada das resoluções politicas. A sua ignorancia, o seu sexo, a mocidade, o isolamento de coração causado por uma viuvez precoce tudo contribuia para tornar mais ameaçar e mais terrivel o perigo creado pela morte d'el-rei.

* * *

A Regente voltou a Madrid e quiz, tomando posse de suas novas funções escutar a opinião e conselhos de alguns personagens politicos que ella desejava, desde o começo da sua regencia, ligar á causa real agora encarnada na sua pessoa.

No dia seguinte reuniu-se o primeiro conselho de ministros depois da morte de Affonso XII. A Rainha presidiu-o, escutando com demorada attenção as deliberações dos seus homens d'Estado. Tratava-se da reorganisação do exercito necessitada pelos dolorosos acontecimentos anteriores á restauração monarchica, reorganisação que tinha sido a constante preocupação de Affonso XII e que não obstante os seus esforços elle não pudera conseguir.

A discussão foi longa e a resolução ia ser considerada

como definitiva quando a Rainha que tinha escutado silenciosamente disse com timidez:

— « A responsabilidade da resolução que tomarem pertence-lhes inteiramente porque sois os unicos a responder perante as camaras e o paiz. Entretanto ser-vos-ha talvez mais facil decidir, quando eu tiver resumido tudo o que foi dito a favor e contra. Eu vou tentar fazer o resumo será para mim uma occasião de me certificar se bem comprehendi a todos. Podereis me corrigir se me enganar. »

E de um tom que revelava uma grande precisão de memoria e uma admiravel lucidez de espirito ella reconstituiu esse debate puramente tecnico reproduzindo as affirmações de uns e as objecções de outros, manifestando algumas vezes por uma palavra reveladora, um raro don de assimilação e de entendimento profundo dos negocios de Estado.

E foi tão extraordinario o ouvir-se essa jovem senhora manifestar assim de subito qualidades intellectuaes de um tal valor que os ministros ouvindo-a olhavam-se atônitos.

Á sahida, um d'elles disse aos seus collegas; « A Hespanha tem mais um estadista ». E hoje repete-se em todo o reino que Maria Christina é o primeiro dos estadistas hespanhoes, porque esse admiravel criterio revelado n'aquelle primeiro conselho de regencia não cessou de manifestar-se, e porque a pratica desenvolvendo os seus dons naturaes e suas maravilhosas qualidades governativas deu-lhe a experiencia a authority e a audacia.

O que ella não ousaria fazer ha 13 annos, envergando a pesada responsabilidade do poder executivo, fal-o hoje forte d'essa experiencia, do seu saber e natural amor do bem, forte sobretudo do prestigio incomparavel que ella exerce sobre os subditos de seu filho, prestigio de tal modo grande que os adversarios da dynastia, carlistas e republicanos, a respeitam com admiração.

* * *

Depois de ter provado que as difficuldades politicas e a sciencia do governo lhe eram familiares, Maria Christina soube tambem sahir victoriosa da sua delicada posição de uma jovem viuva de vinte e seis annos.

Os seus partidarios receiavam d'essa mocidade e os seus adversarios prediziam más consequencias.

E na verdade uma simples fraqueza de coração, uma innocente preferencia manifestada, a menor imprudencia enfim, podia acarretar a sua perda e a da corôa de seu filho.

Mas a neta do archiduque Carlos, protegida pela sua piedade, pelo seu amor materno e pela fidelidade consagrada á memoria de seu marido, desfez os receios de uns e as esperanças de outros.

A suspeita nem de leve a tocou e a Hespanha admirou reconhecida a simplicidade com que a sua regente se consagrou exclusivamente ao cumprimento dos seus deveres de Rainha, de Viuva e de Mãe.

Ha treze annos que esses deveres a absorvem. As grandes difficuldades do seu governo têm provado como sabe ser Rainha; o que ella tem feito de seus filhos proclama como ella sabe ser mãe. Todos os thesouros do seu coração revivem na alma de suas duas filhas, que cresceram a seu lado sem que um só dia se separassem d'ella.

Quanto a seu filho, outr'ora fragil creança hoje vigoroso mancebo, ella se tem desvelado em fazer d'elle um nobre Rei para a Hespanha, infundindo no seu espirito pelas lições, pelo exemplo e pelo ascendente que nasce de uma ternura esclarecida, todas as virtudes de um soberano, aquellas especialmente que podem agradar a um povo livre, independente e altivo.

MARIO TOLEDO.



SS. MM. A RAINHA REGENTE E AFFONSO XIII, REI DE HESPANHA

A Guerra Hispano-Americana

A GUERRA hispano-americana que enlucta e des-honra este fim de seculo não resultou de uma causa, nasceu de um pretexto.

O pretexto foi a revolta de Cuba, revolta que, como se sabe, os discipulos de Monroë fizeram sua, ajudando constantemente os revoltosos com expedições de armas e mantimentos que clandestinamente partiam da Florida; apoiando moralmente os esforços dos insurrectos com manifestações ruidosas e eloquentes em prol da nova *Republica Cubana*.

Por mais justo que á primeira vista este pretexto pareça por motivos de humanidade ou outros, elle só serviu na realidade de mascara ao afan premeditado, ao entusiasmo ardente e até certo ponto inexplicavel com que parte da população dos Estados-Unidos movia e preparava uma guerra com a Hespanha povo europeu latino e de uma grande inferioridade de recursos.

D'essa guerra, cuja victoria caberia fatalmente á grande republica d'alem-mar, os americanos só poderiam tirar proveito e gloria. Proveito : da annexação de Cuba, Porto Rico e outras colonias hespanholas; gloria : da humilhação de um povo heroico, de um grande povo latino, d'esta velha raça a que pertencera o mundo e que assim, mais uma vez recuará deante das raças novas engrandecidas.

Mas para se fazer uma guerra, mesmo quando se é anglo-saxão é necessario invocar razões diplomaticas imprescindiveis ou afirmar a defeza de grandes principios, ou agitar grandes questões internacionaes.

Razões diplomaticas não era facil descortinar; a Hespanha depois de ter descoberto o Novo-Mundo não deixara de mostrar as suas sympathias pela Grande Republica e mesmo, n'estes dois annos da revolta de Cuba, soffrera com uma paciencia demais benevolente a intervenção desleal dos Estados-Unidos n'uma lucta que se debatia no seu territorio e que em summa a ella só incumbia.

Questões internacionaes tambem era difficil mover. Os outros estados do mundo assistiam indifferentes e sem prejuizo á repressão que uma nação exercia n'uma sua colonia revoltada, facto corrente na existencia dos povos.

Restavam pois os grande principios e a elles se agarraram os descendentes de Washington, invocando o sagrado direito que um povo tem de viver livre e a neces-

sidade de acabar, para bem da humanidade, com a repressão sanguinolenta da Hespanha.

— Oh! povos Apaches e Chinuks, raças primitivas que adorais os astros, o fogo e as aguas, dizei o que de vós fizeram os homens brancos que hoje invocam a piedade e o direito á vida!

Mas que importa o passado! De New-York a São Francisco, de Chicago á Nova-Orleans, um grande grito se alastra, electriza as massas populares e abala o governo : *Cuba deve ser livre! É preciso que os Estados-Unidos intervenham para fazer cessar as atrocidades da Hespanha!*

D'onde nasceu este movimento ninguem sabe; mas em poucos mezes a intervenção armada da

nação yanke, isto é a guerra com a Hespanha, tornou-se uma necessidade imperiosa. Os parlamentos e o Presi-



PRAXEDES MATHEUS DE SAGASTA

Presidente do Conselho de Ministros da Hespanha.



Vista geral da Havana.

dente hesitam pregam a paz, resistem á opinião publica, mas ha quem affirme que ha mais de dois annos a guerra estava decidida e preparada.

Durante esse tempo a Hespanha fazia todas as concessões possiveis para evitar o conflicto. O general Weiler, acusado de ser o author das atrocidades commettidas,



General Nelson Miles

Commandante em chefe do exercito americano.

de ter pelo seu decreto dito de *reconcentração*, causado a morte lenta de centenas de indigenas que forçados a abandonar as suas terras, onde não podiam ser defendidos contra os ataques dos insurrectos eram agglomerados nas cidades onde os recursos faltavam e pereciam d'inanição— é demittido para satisfazer as reclamações yan-

kes e substituido no governo pelo marechal Blanco homem de uma energia moderada por um grande coração. Pouco depois uma larga autonomia é decretada e Cuba fica com um governo proprio, um parlamento seu e apenas ligada á mãe patria por uma suzerania justa e honrosa.

Mas quanto mais a Hespanha avançava no caminho da paz mais os Estados-Unidos procuravam a guerra.

A catastrophe do *Maine*, veio infelizmente precipitar os acontecimentos. D'un accidente desgraçado mas natural os *jingoistas* quizeram fazer e fizeram um acto de covarde vingança da parte dos hespanhoes; e nem os relatorio das commissões concluindo que a explosão fôra interior, nem o irrefutavel testemunho das observações locais que affirmavam não se ter visto depois da explosão um unico peixe morto á tona d'agua, o que decerto aconteceria se a catastrophe tivesse sido originada pela explosão violenta d'algum torpedo ou de algum engenho submarino nem a intervenção diplomatica d'alguns governos europeos, poude evitar a ruptura de relações entre os dois paizes.

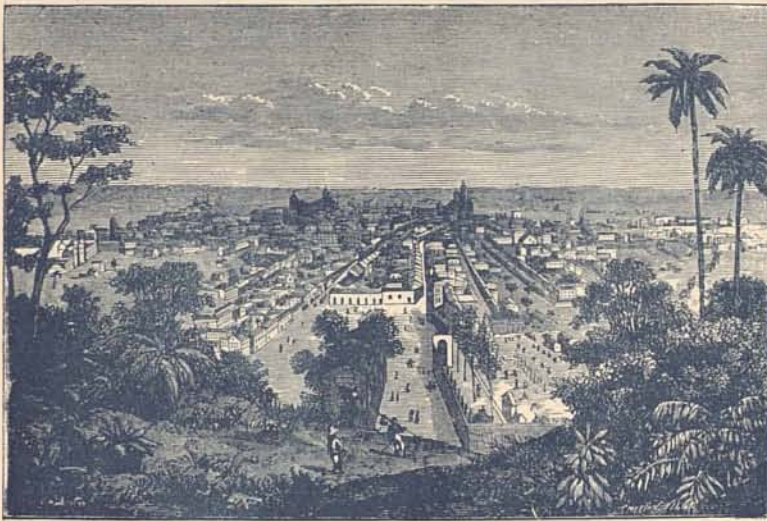


Marechal Blanco.

No dia 24 de Abril o presidente Mac-Kinley envia á Hespanha um ultimatum que é recusado com altivez. Logo no dia 24 um pequeno vapor hespanhol o *Buena-ventura* que navegava perto da costa americana, é cap-



Santiago de Cuba.



Cidade de Porto-Príncipe (Ilha de Cuba).

turado por um navio de guerra americano e trazido a Key-West.

A guerra começára.

* * *

Permitta-se-nos, aqui, uma pequena advertencia. Nos episodios da guerra hispano-americana que abaixo vamos relatar procurámos ver só a verdade, isto é contar o que se passou sem ter em conta os exageros da imprensa dos dois paizes belligerantes. O que segue é o resumo imparcial das noticias da guerra passadas ao crivo da informação dos jornaes europeus mais considerados.

* * *

A guerra sendo-pelo menos no começo — uma guerra maritima, é bom conhecer as recursos navaes dos dois combatentes :

Os Estados Unidos possuíam no começo da guerra 4 couraçados de 1ª classe de mais de 10,000 toneladas e um de 6,300 — Um monitor couraçado de 6,000 toneladas; 4 de 4,000 ton. e um de 1,200 ton. — 2 cruzadores couraçados de 8,000 e 9,000 ton. — 8 cruzadores de 1ª classe variando de 4,000 a 7,500 ton. — 8 cruzadores de 2ª classe variando de 2,000 á 4,000 ton. A juntar ainda 25 canhoneiras, muitas das quaes de velha construcção; 17 torpedeiras; dois submarinos; e os navios das companhias transatlanticas armados em guerra. Para a defeza de alguns portos os Estados-Unidos utilizaram velhos monitores que não saíam dos arsenaes desde a Guerra da Secessão.

A Hespanha tinha : 3 couraçados

de 7,000 a 17,900 ton. 5 cruzadores couraçados de 7,000 a 9,000 ton. — 8 cruzadores de 3,000 a 5,000 ton. 18 contra-torpedeiros modernos, navios muito superiores ainda que de pouca tonelagem, cuja velocidade é extraordinaria, alguns deitam mais de 30 nós! A juntar ainda 20 canhoneiras, 20 torpedeiros e os navios das companhias transatlanticas armados em guerra.

Por esta enumeração vê-se que os Estados-Unidos têm uma grande superioridade como tonelagem. O seu armamento é também duas vezes mais numeroso e incomparavelmente mais aperfeiçoado que o dos hespanhoes. Estes porem têm pelo seu lado a velocidade. Todos os seus navios deitam 4 a 6 nós mais do que os americanos, sem falar dos contra-torpedeiros que deitam quasi o dobro.

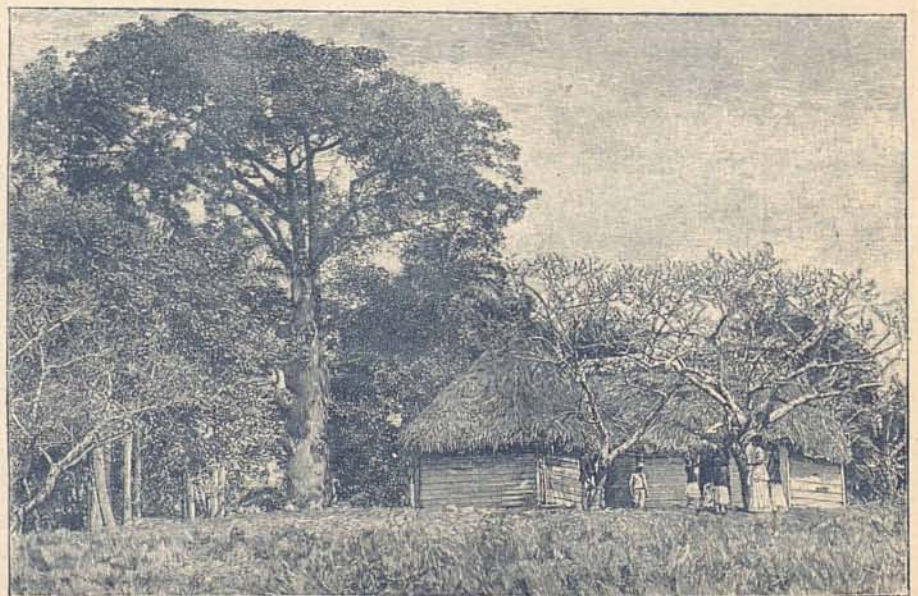
Os combates navaes que em breve vão desenrolar-se,

em alto-mar — onde só então se poderá com segurança ajuizar do valor e sciencia dos combatentes, os quaes no ataque maritimo de Manilha, de que mais adiante fallaremos, se encontravam nas condições respectivas muito especiaes de uma lucta por surpresa, n'uma bahia onde as grandes evoluções não podiam ter lugar,

mostrarão de que lado está a vantagem, mas desde já se pode affirmar que para a Hespanha cujos recursos finan-



Maximo Gomez
Chefe dos insurrectos.



Cabana de negros em Cuba.

ceiros não permitiam a construção de grandes e bem armados vasos de guerra, a adopção dos contra-torpedeiros e dos cruzadores velozes, é o unico meio de poder, durante muito tempo manter o seu prestigio e conservar a sua força pois os seus navios só combaterão, em alto mar, quando bem lhes parecer e como lhes parecer. Tudo depende pois da tactica dos seus officiaes cuja competencia em taes casos é tradicional.

O primeiro feito saliente da guerra sem contar o bombardeamento de Matanzas de que os americanos exageraram a importancia até dizerem que tinham arrazado a cidade inteira, e os hespanhoes attenuaram o effeito até affirmarem que só *uma mula* fôra a victima innocente do furor yanke, bombardeamento que na realidade foi inutil, pois os americanos tiveram que se retirar sem terem conseguido fazer calar as baterias hespanholas nem terem podido desembarcar; o primeiro feito saliente, diziam nós, foi o ataque de Manilha pela esquadra americana do Pacifico e a destruição dos velhos e pequenos navios que a Hespanha designara para a defeza d'esta praça.

O combate naval de Manilha foi mais uma pagina heroica para a historia da Hespanha, uma derrota gloriosa que equivale a uma victoria.

No dia 1 de Maio, um domingo, quando começou a amanhecer os marinheiros hespanhoes viram com espanto

Guerrilheiro cubano.



Voluntario. Carabineiro. Brigadeiro. Marechal. Lanceiro. Hussar. Almirante.
Infanteria. Caçador. Coronel. Marinheiro. Contra-Almirante.

EXERCITO HESPANHOL

oito navios de guerra americanos alinhados, em ordem de batalha deante de Cavita.

O almirante Montojo, que commandava a pequena esquadra hespanhola, conhecendo o pouco valor dos seus navios e a superioridade esmagadora dos vasos de guerra americanos comprehendeu que estava perdido, mas resolveu lutar pela gloria da Hespanha até que o mais alto mastareu dos seus navios tivesse desaparecido nas aguas tranquilladas da bahia e ultimo dos seus marinheiros não mais pudesse levantar o braço ameaçador contra o inimigo.

Logo que o combate começou, o tiro dos americanos servido por canhões de primeira ordem de uma grande rapidez e precisão fez cruéis estragos nos navios hespanhoes que com o seu armamento quasi primitivo mal podiam responder a tão vivo ataque.

A cada tiro, porem, um grande grito de *Viva a Hespanha* explodia, cobrindo quasi o retumbar do canhão, e era um espectáculo soberbo e desolador o contraste entre o desespero dos hespanhoes, agitando-se a bordo dos seus pequenos navios que pouco a pouco sombavam e o entusiasmo americano resguardado pela couraça de aço dos seus cruzadores quasi immovéis vomitando morte.

Heroicamente os hespanhoes



Marinheiro. Fusileiro naval. General. Official. Cadete. Artilharia. Cavalarin.
Official de Marinha. Infantaria. Official inferior. Soldado indigena.

EXERCITO AMERICANO

sustentavam a lucta, fazendo prodigios de valor.

Mas em breve na prôa do navio almirante — *Maria-Christina* — rebentava um violento incendio, logo após uma canhoneira *A Ilha de Cuba*, se cobria de chamma e explodia. Um grande clamor de colera e de desprezo ameaçava do bordo hespanhol a crueldade americana que se servia de obuzes que as leis de humanidade não permittem. N'um impeto de raiva, o cruzador *Don Juan de Austria* avança contra o navio almirante americano que tenta abordar. Inutil heroismo! Todos os canhões de mesmo bordo do couraçado americano descarregam sobre o *Don Juan de Austria* um chuva de obuzes explosivos e o navio hespanhol, como uma grande ave aquatica ferida, balança sobre as ondas e affastando-se vae a pique no meio de um clamor já enfraquecido de *Viva a Hespanha!*

N'este momento o incendio da *Maria Christina*, tendo-se propagado de prôa á pôpa, o almirante Montojo transporta o seu pavilhão de Almirante para outro navio e iça o signal que significa — abrir um rombo e ir a pique.

Instantes depois, — da pequena esquadilha hespa-

nhola só restavam destroços fumegantes nadando á tona d'agua e corpos mutilados de marinheiros que no ultimo estertor da agonia, ao afundar-se, gritavam ainda *Viva a Hespanha!*

Os feridos e os sobreviventes que conseguiram nadar até á costa não se renderam e horas depois quando o almirante Dewey, commandante da esquadra americana, desceu a terra depois de ter destruido Cavita, encontrou o arsenal deserto e não conseguiu fazer prisioneiro um só hespanhol.

O almirante Montojo, que n'esta batalha naval tudo



Havana. — A grande Avenida.



Matanzas. — Vista geral. — A cidade e o porto.

pensação soffrido numerosas derrotas. As suas tentativas de desembarque têm sido infructiferas e já por sete vezes as fortalezas hespanholas e a artilharia volante disseminada pela costa têm obrigado as expedições americanas a tomar o caminho de Key-West.

pela America do Norte têm sido escandalosas — este bombardeio de Porto-Rico provou que os americanos não têm a energia ou a practica da guerra necessarias para resistirem a um combate vigoroso.

Os hespanhoes que tinham em Porto Rico baterias



Almirante Montojo

Commandante da esquadra hespanhola em Manilha.



Almirante Dewey

Commandante da esquadra americana em Manilha.

Não conseguindo os seus fins em Cuba, — e não esqueçamos que é este o ponto que provocou ou pretextou a guerra — os americanos resolveram bombardear Porto-Rico, annunciando de ante-mão a destruição d'esta praça como a de Manilha e fazendo valer a importancia da conquista de uma ilha que é um magnifico ponto strategico para operações navaes tendo por objecto a Havana.

A 12 do corrente o almirante Sampson, a bordo do famoso couraçado *New-York*, talvez o melhor de toda a esquadra americana, e seguido de 11 navios de grande tonelagem entre os quaes grandes monitores, appareceu deante de San Juan de Porto-Rico e sem aviso previo começou o bombardeio. Este acto de pirateria reprovado por todas as convenções internacionaes, transformou-se, felizmente, n'uma derrota para os americanos que tiveram de se retirar sob o fogo vivo das baterias hespanholas.

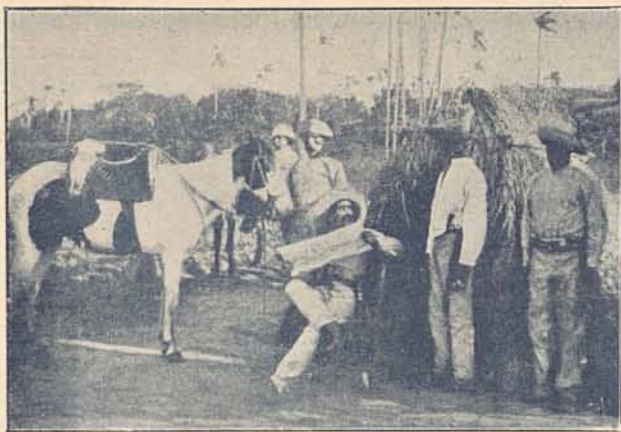
Na opinião dos proprios inglezes, cujas sympathias

bem organisadas, especialmente as que modernamente foram instaladas com canhões de 28 centimetros, infligiram grandes estragos aos navios americanos. Varios obuzes rebentaram mesmo no convez do *New York* matando alguns marinheiros e causando estragos que os americanos, está claro, não confessam.

Para explicar esta retirada desastrosa dos americanos,



Manilha, vista do Porto e da cidade



General dos insurrectos lendo as ultimas noticias da guerra.

os jornaes officiaes dos Estados-Unidos pretendem que ella foi motivada pelo subito apparecimento na Martinica, da esquadra hespanhola de operações, que os americanos por uma habil tactica hespanhola julgavam em Cadix.

Esta esquadra commandada pelo almirante Cervera um dos melhores almirantes hespanhoes — compõe-se, como se sabe, de 4 cruzadores couraçados de 1ª classe *Maria Teresa*, *Viscaya*, *Cristobal Colon*, *Oquendo*, 3 dos famosos contra-torpedeiros o *Terror*, o *Furor* e o *Pluton* creio — varios outros navios entre os quaes dois transatlanticos carregados de carvão e munições.

Onde vae esta esquadra, que pela habilidade com que soube dissimular o seu roteiro, tomou na Europa e na America o poetico nome de *Esquadra Phantasma*?

Telegramas diversos inquietam e desorientam a tactica americana. Ora de Porto-Rico communicam que a esquadra hespanhola entrou n'este porto e que ali, como base d'operações, aguardará a esquadra do almirante Sampson; ora noticias de Cuba annunciam que os navios do

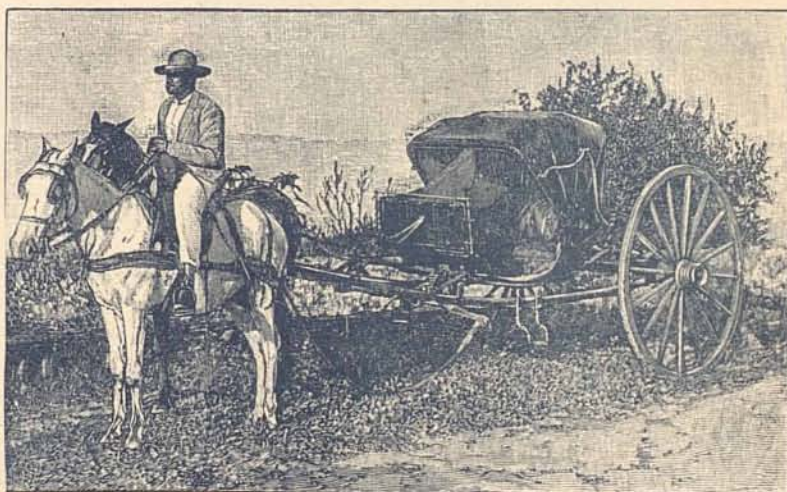
Almirante Cervera são esperados na Havana e que, já em caminho, passaram ao largo de São Thiago de Cuba; ora d'America telegrapham que vapores mercantes d'esse paiz avistaram os vazos de guerra hespanhoes navegando em direcção á costa sul dos Estados Unidos, onde certamente vão atacar as numerosas e ricas cidades do littoral.

O seu destino é a Havana como os americanos pretendem ou a audacia d'esta nova *Armada* tem mais altas aspirações e vae bombardear as costas desguarnecidas dos Estados-Unidos?

Quem sabe?

No momento em que finalisamos este rapido artigo a esquadra do almirante Cervera deixara Curaçao com rumo desconhecido.

Que ventos propicios a acompanhem e que os valentes



Um carro de Praça na Havana.

e ousados marinheiros em quem a Hespanha e o mundo inteiro têm os olhos fixos n'este momento saiam victoriosos do seu heroico empreendimento, para gloria da sua Patria e honra da Humanidade.

18 de Maio de 1898.

LUIS SERRA.



Soldados hespanhoes fazendo fogo contra os insurrectos.

Véla branca

A viração do mar entra pela janella
 Vasta. Que bafo meigo e humido me afaga!
 Descuidoso, passeio o olhar de vaga em vaga...
 Uma vela surgiu na amplidão clara e bella.

É uma falúa. Vem chegando. Que traz ella?
 Que destino a conduz? com que norte e a que plaga?
 Que ambições vão alli — das que o Oceano traga
 De um sôrvo, tanta vez?... Mudou de rumo a vela...

Nauta ignoto, quem és? novo Cesar, que o leme
 A fortuna dirige? obscuro ser, que treme,
 Da desgraça fugindo, e busca asylo incerto?

Quem quer que sejas, alma illustre ou alma afflicta,
 Por ti meu coração neste instante palpita,
 Por ti!... Sumiu-se a vela e o mar está deserto...

MAGALHÃES DE AZEREDO.



LIVROS NOVOS

O BRAZIL MENTAL. Esboço critico por BRUNO, Porto, Livraria Chardron 8º 470 pages, 1898.

O lado sympathico deste livro é o muito trabalho que custou ao auctor. É um livro de trabalho, para o auctor e para o leitor. Muito labutou decerto o escriptor para estender por aquellas interminaveis quatrocentas e tantas paginas a sua escripta pedregosa e dura de lêr. E, como usa indistinctamente das mais rebuscadas expressões archaicas e dos mais triviaes gallicismos, o leitor vae tropeçando entre a solemnidade classica de uns termos e a vulgaridade familiar de outros e chega ao fim do livro tão cansado como quem tivesse andado em descompassada caminhada duas leguas com um pé calçado de forte bóta guerreira d'alto tacão e de grande espóra, tendo outro pé n'um humilde chinello d'ourello.

Os titulos dos livros têm por fim a indicação do assumpto. *Brazil Mental* diz muito mas o livro diz pouco, e esse pouco dilongamente, com inelegancia e pretenção. Quanto a methodo de exposição e ordem logica na apresentação dos factos e no raciocínio o Sr. Bruno preferio não ter methodo nem ordem. Pelo titulo do livro o leitor ingenuo poderá acreditar que o auctor vae dar a sua opinião sobre a psychologia do povo brasileiro, sobre a sua expressão litteraria nos versos dos poetas, no estylo dos prosadores sobre sua manifestação concreta nos homens d'acção, sobre a philosophia da doutrina dos mestres. Pensará ainda o leitor que vae ver apreciada a influencia do clima e de natureza que circumdam o individuo brasileiro e a formação desse individuo pela immigração, approximação, lueta e fusão de raças diversas. Julgará ainda o mesmo leitor ingenuo que vae vêr o inventario e a avaliação da herança desse individuo representada no patrimonio dos seus instinctos, sentimentos, sympathias, antinomias, tradições e crenças, cousas essas que são as determinantes da direcção que povos e individuos dão á sua vida e que constituem a Historia. Nada d'isso. O Sr. Bruno cita bem uns quinhentos auctores sobre os mais variados assumptos mas em todo o livro não ha uma linha de observação ou um conceito interessante sobre o Brazil.

As trinta paginas do prefacio tratam do atrazo e da imperfeição dos estudos economicos em Portugal. Segue a Introducção destinada a dizer que em Portugal é assombrosa a ignorancia das litteraturas estrangeiras. A proposito dessa ignorancia, que o auctor exagéra, ataca o exercito portuguez e faz longa e minuciosa apologia (que adeante repetirá) do poema *Patria*, de Guerra Junqueiro. Até ahí nada da mentalidade brasileira. Finalmente falla o Sr. Bruno no *brasileiro*, typo dos romances de Camillo Castello-Branco e resume tudo quanto pensa do *brasileiro* dizendo que *brasileiro*, em Portugal, é o mesmo que *juif* em França. Póde ser que assim seja e não será a primeira injustiça deste mundo. No seculo XVII, conta-nos o Padre Antonio Vieira, em toda a Europa o portuguez passava sempre por judeu. O Sr. Bruno discute então a questão dos deformações da lingua portugueza no Brasil, questão esta que tem sido causa de muita injuria atirada de uma e de outra parte, por cima da impassibilidade do Atlantico. Sobre o tremendo caso dos sacratissimos pronomes, sobre o sacrilegio do *si* em vez de *se*, que o Sr. Bruno discute com furia, professamos um tolerante scepticismo.

Quem terá sciencia, dentro de dous ou tres mil annos, destas luctas ferozes de grammaticos e pedagogos d'aquem e d'além mar? Renan consolava-se de tudo pensando que as nossas maiores desgraças são ignoradas dos habitantes de Sirius. O que sabemos nós da pronuncia dos gregos que tanto dividio os humanistas da Renascença? Resta-nos o caso das pedrinhas na bocca de Demosthenes e da peixeira de Athenas rindo da má pronuncia de Theophrasto. Pensa o Sr. Bruno que, na praça da Figueira, causaria riso a pronuncia de Joaquim Nabuco? O Padre Antonio Vieira (que o Sr. Bruno sentenciosamente ensina que é portuguez) foi para a Bahia de 7 annos de idade

e de lá voltou com 33 annos. No mesmo anno da sua volta prégou em Lisboa com admiração geral e as aias e creados da fidalguia passavam a noite á porta de São Roque, com um tapetinho ao braço que, ao abrir da Igreja, iam estender no chão, para os amos, que assim mandavam reter seus lugares, como em Pariz vae um creado *faire queue* á porta do Instituto, em dias de recepção na Academia. Muito provavelmente o grande ora-lor tinha sotáque brasileiro. Se no Brasil ouvissem a Antonio Candido diriam que elle tem sotáque portuguez, cousa para os brasileiros tão extranha como o sotáque brasileiro para os portuguezes. O Sr. Bruno diz que a má collocação dos pronomes no Brasil vem da mistura das raças. Infelizmente quando as raças têm de se misturar não consultam os grammaticos; misturam-se por amor da sua conservação e por impulsos menos ethereos e scientificos. Se um homem de raça superior soubesse que, collocando mal o seu coração no amor de uma mulher de outra raça, ia produzir no futuro a má collocação dos pronomes dos seus netos, é provavel que essa razão grammatical não o deteria. Resignem-se pois os brasileiros á fatalidade.

Depois de corrida esta lebre dos pronomes, de rigor em todo escripto portuguez sobre o Brasil, o Sr. Bruno vae tratar do *Positivismo*. Cita muitos auctores mas não consegue fazer uma exposição clara do systema e muito menos dar ordem ás objecções que enuméra. Depois de fallar de Tobias Barretto e do Sr. Sylvio Roméro, trata o Sr. Bruno, neste capitulo, do Positivismo, do poeta Sr. Martins Junior, unico poeta brasileiro que o Sr. Bruno, ao que parece, julga digno de menção.

Aquelle vate foi inspirado, segundo o Sr. Bruno, *pelo barulho surpreendente da sciencia*, e, a proposito deste barulho e do Sr. Martins Junior, o auctor sahe da banalidade dos manuaes de philosophia, e estabelece gravemente a differença que ha entre sciencia e arte: « Da pura combinação immediata das idéas emerge, erecta, logo a sciencia; emquanto que a arte vae derivando hierarchicamente pelo meandroso arranjo de sentimentos e sensações, como gatinho folião em cabriolas chimericas pelos floreamentos d'uma *imbrincada* escadaria. » O Sr. Martins Junior, o tal unico poeta brasileiro digno deste nome, embora se inspire segundo o Sr. Bruno, de barulhos e não de harmonias, depois de alguns elogios, recebe esta correcção: « Com todos os seus defeitos de forma, as suas infidelidades de imagens, a sua pobreza de antitheses, a sua impropriedade de adjectivos, com todo o seu apagado de estylo, emfim, não haveria comtudo por que, de todo, desanimar. »

E deixando assim consolado o Sr. Martins Junior, começa o Sr. Bruno a tratar do Monismo. Quanto ao Positivismo, no Brasil, limita-se á vaga affirmacão da sua grande influencia n'aquelle paiz.

O *Monismo*, isto é Tobias Barretto, outra vez, occupa cem paginas. Verdade é que o grande polemista é apenas pretexto para uma exposição philosophica e o leitor acha-se deante de uma alentada *Conclusão* de perto de cem paginas.

Aparece ahí o proposito do livro até então encoberto. A conclusão conclue dizendo que para Portugal o unico remedio é a Republica.

O Sr. Bruno tem muita fé n'esse remedio simples que julga proprio para curar todos os males. Na America, ha quatorze povos de origem peninsular que, ha oitenta annos, usam sem interrupção da panacéa e que nem porisso têm melhorado. Talvez com mais alguns seculos de experiencia comecem a sentir allivio. O Brasil entrou em tratamento ha uns nove annos e sabemos o proveito que tem tirado.

Apezar de tudo, o Sr. Bruno escreve um livro só para aconselhar a Portugal que adopte a Republica como já fez o Brasil. Ora Portugal, pedindo emprestado ao Brasil o seu regimen politico, esperando assim sarar os seus males, lembra a anedocta da

velha devota que pediu a Pio IX uma das suas meias esperando que o uso d'aquella peça do vestuario papal curaria as suas varizes. O papa respondeu: Não creia em tal, minha filha! Eu uso duas das minhas meias todos os dias e nem porisso sinto allivio nas pernas. O Brasil poderia responder a Portugal: Eu estou em uso de Republica ha nove annos e vou cada vez peor!

Deante das necessidades sociaes do seculo novo, vir declarar que o remedio para os males humanos é a Republica é uma manifesta confissão de atrazo. E participar d'uma superstição tão pouco scientifica como qualquer outra superstição. O unico argumento do Sr. Bruno consiste em dizer que, graças á Republica, a França resurgio dos seus desastres de 1870. Ora o França resurge sempre, pela sua vitalidade propria e não pela virtude dos seus governos. Com o Cesarismo napoleonico ergueu-se das miserias do Directorio republicano; com a monarchia liberal da Restauração e de Julho ergueu-se dos desastres causados pelos excessos guerreiros do cesarismo, tendoentão uma florescencia intellectual na arte e na litteratura que igualou as glorias do seculo XVII; e da desordem republicana de 1848 a 1852 tirou-a Napoleão III e sob o seu governo retomou a França o seu lugar na Europa, foi victoriosa na Crimeia e na Italia e constituiu pela prosperidade economica, as grandes reservas, que foram a garantia e o meio efficaz da reconstituição nacional depois que o regimen napolconico terminou no desastre de Sedan.

A vitalidade franceza não depende deste ou d'aquelle regimen.

Para terminar, devemos dizer que o livro do Sr. Bruno, se não é sympathico pela fórma não o é tambem pelo sentimento.

É um livro de odio e de malevolencias que se manifestam n'uma má linguagem que, pelas, suas obscuridades e pelas suas inversões de phrase, pareceria ora um allemão afrancezado e ora latim se a leitura não mostrasse, que aquella linguagem, com muita corrupção, não é latina. O Sr. Bruno é severissimo com os escriptores brasileiros. Faz uma questão capital do *si* ou *se* e tem a furia de emendar. Mas s. excia., como escreve?

Ricanar, debutar, acance, refrem, etiquetar e mil outras palavras francezas apparecem a todo instante. Naturalisa portuguezas palavras francezas e afranceza depois expressões portuguezas.

Nem os bichos escapam. Assim á p. 133: « O fellah que adora o crocodilo. O dravida que se próstra perante a *serpente de campainhas* ».

Ora o fellah egypcio é musulmano e não adora crocodilos, e a nossa velha cobra cascavél, transformada em *serpente de campainhas* (*serpent à sonnettes*) nunca vio prostrado nenhum dravida. A cascavel, isto é, entre as serpentes, o genero *erotalo*, não existe senão na America e *dracidas* só ha na India. Além, t: a o Sr. Bruno de expressões extraordinarias, como estas: *intersticiaes modulos concomittantes e explicações que bailam na subjectividade*. Com vezes apparece o verbo *dirimir* isto é regular, acabar, separar, decidir, pleitear, annullar, desfazer, apartar, dissolver, etc., etc., no sentido de *derivar* que não tem o escripto *derimir*, sem fallar em *desastramento, impeccando effectivação, prestes após* em vez de *logo depois*. Para illustração do leitor ali vão algumas phrases escolhidas:

« Insignificantes manifestações do littereismo foram as que surgem... » — « A propria Alemanha onde foi que o materialismo...

(em vez que foi onde) »; « A sciencia, diz Littré, não se importa de tal... »; « Reum confitentem *habemur* (em vez de *habemus*) »; « Só os sectarios é que se obstinam a *illudir-se...* »; « Portugal e Brasil não possuem confiança *n'elles mesmos* (*en eux-mêmes*) »; « O Sr. Souza Bandeira recriminava da estreiteza de vistas »; « das acanhadas concepções *se irritara* »; « A ellas duas (*à elles deux*) as theorias de Comte e de Noiré »; « tiras *cebentas* de dedadas de tinta ».

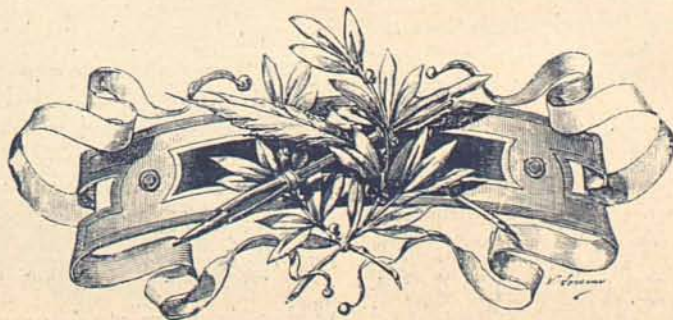
Com a Historia não são menores as liberdades do sr. Bruno: Assim á pag. 185 tratando do conhecimento das cousas, independente da observação directa e pelo simples raciocinio, não se limita ao exemplo classico da descoberta do planeta Neptuno por Leverrier e, desejando citar um facto de casa, diz: « Em compensação, o raciocinio não se enganou quando o Vasco da Gama deu a existencia do caminho maritimo para a India por todos appetecida ». Ora o que deu o conhecimento do caminho a Vasco da Gama foi 1º A viagem anterior de Bartholomeu Dias que verificou experimentalmente que a costa africana, para quem vinha do norte, acabava no Cabo das Tormentas e que, depois d'uma inflexão, d'ahi em deante, corria a nordeste; 2º pelas *noticias certas* que, depois da sua viagem á India, juntamente com um mappa da costa Africana e da India Pedro da Covilhan pode mandar do Cairo para Portugal, precioso resultado esse da missão que por D. João Segundo fóra confiada a Pedro da Covilham e a Affonso de Paiva. O que restava a fazer a Vasco da Gama era vencer a dificuldade nautica da derrota desde o Cabo das Tormentas até Melinde ou até Sofála donde Pedro da Covilham sabia e por informação delle sabia Vasco da Gama que atravessavam navios para a India. O feito portuguez da primeira viagem á India dando volta á Africa, foi planeado sobre informações, precisas, noticias certas e experiencias anteriores e preparatorias. Não foi o resultado, como diz o Sr. Bruno, de *conjecturas racionalistas*.

Mais longe, diz (pag. 402) que a fabricação do assucar no Brasil é posterior á descoberta das minas o que é absolutamente inexacto. Na mesma pagina o Decreto que abriu os portos do Brasil em 1808 é transformado n'um *tratado de commercio*!

Agora, perguntaremos nós: Quem accumula tantos erros e incorrecções como o sr. Bruno terá o direito de maltratar homens do valor de Sylvio Romero, de Tobias Barretto e de Clovis Bevilacqua a proposito de *si* ou de *se*, ou de pronomes bem ou mal collocados? Terá o direito de menoscar d'aquella lucidissima intelligencia critica e litteraria que teve o nome de Guilherme Muniz Barreto, que deixou poucas paginas mas que valem cem vezes os muitos livros de outros?

Para julgar do estado mental de uma sociedade é necessario clareza de juizo, imparcialidade e sabêr. Ora o Sr. Bruno escreve obscuramente o que é prova de que não pensa nem julga com clareza, porque phrase má quer dizer sempre pensamento tambem má senão peor; ora o Sr. Bruno nos seus antagonistas só descobre defeitos uns exagerados e outros inventados o que nos mostra que ao auctor falta o dom da justiça. E quanto ao sabêr? Nos transcripções acima apparecem os falhas da sua erudição, falhas essas que, se usassemos a phrase do Sr. Bruno, diriamos, serem outros tantos *intersticiaes modulos concomittantes* da sua lastimavel incompetencia.

E. P.



A BATALHA D'ATBARA

Ha alguns mezes a Inglaterra organisou uma forte expedição composta de quinze mil homens de tropas inglezas e egypcias, confiando o commando d'esse exercito destinado a reconquistar o Sudão ao general Inglez Sirdar Herbert Kitchner. O objectivo d'essa campanha é destruir as forças do Mahdi e retomar a cidade de Kartum onde, ha treze annos passados, Gordon Pachá pereceu heroicamente depois de uma longa e admiravel resistencia. Que nos seja permittido recapitular em algumas linhas as notas historicas sobre a tomada de Kartum e a morte do seu bravo defensor. « Em 1º de Janeiro de 1885 recebia-se no Cairo um telegramma de Gordon assim concebido : « Todas as esperanças perdidas, espero a catastrophe em dez dias. Meus adeuses a todos. » No começo de Janeiro, diz o capitão Heuman, Gordon ainda resistia e poderia fugir se assim quizesse, mas tinha resolvido não abandonar os seus soldados e com elles estava disposto a morrer.

Os soccorros, constantemente pedidos á Inglaterra, tardavam a vir, sendo essa a unica causa da rendição da praça e com ella so massacre da guarnição.

Com effeito a 26 de Janeiro, alguns officiaes negros ao serviço de Gordon trahiam o seu chefe e de cumplicidade com os rebeldes entupiam as vallas das fortificações, penetrando na praça onde todos ainda tranquillamente dormiam. Depois de terem assassinado por surpresa todos que encontravam, dirigiram-se lançando formidaveis gritos ao palacio do governador. Gordon, avisado do perigo alguns minutos antes, apparece na porta da sua residencia acompanhado de uma pequena guarda que foi immediatamente atacada por centenaes de Mahdistas alguns dos quaes cahem aos pés do general inglez abatidos pelo seu revolver. Mas o valente chefe e a sua resumida escrta succumbem sob o numero dos atacantes, sendo Gordon, depois de morto, decapitado e a sua tão nobre cabeça levada em tropheo ao Mahdi. Seguiu-se depois uma horrivel scena de pilhagem que durou todo o dia, deixando a cidade juncada de vinte mil cadaveres aos quaes Mèhémet-Achmet um dos primeiros tenentes do Mahdi recusou sepultura. As mais bellas mulheres aprisionadas foram reservadas a Mèhémet e as restantes aos seus officiaes.

A fome reinava em Kartum havia já muitas semanas antes da sua rendição e os ultimos dias que precederam o massacre de Gordon e da sua tropa todos os habitantes recebiam um quarto de ração, e os infelizes soldados, ainda menos favorecidos, tinham como alimentação diaria um pouco de polvilho e um pequeno pão de palmito. Gordon cahio como verdadeiro heroe recusando até á vespera da sua morte a capitulação de Kartum pro-

posta pelo Mahdi. Essa noticia, semanas depois, causou um profundo abalo na Inglaterra e uma triste sensação em todo o mundo. Com a morte de Gordon o Mahdi reconquistou o seu dominio completo no Sudão e um exercito egypcio commandado por officiaes inglezes forte de vinte mil homens teve de abandonar as praças fortes de Fascher, Goudokoro, Fashoda, Sennaar, Kasala, Halfaya, Sinkat, Thokhar, Kartum, Berber e Dongola retirando-se até ás margens do Nilo.

A nova expedição Anglo-Egypciana que partio ha mezes, como acima dissemos, vai destinada a dar o ultimo golpe no poderio do Mahdi, que acha-se hoje muito mais enfraquecido do que na epoca da tomada de Kartoum.

As forças de Sir Herber Kitchner já tinham tido serios



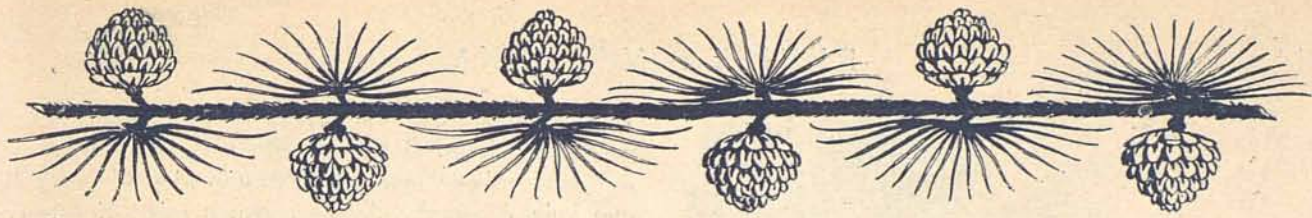
O CHEFE MAHMUD

Aprisionado pelo exercito anglo-egypcio na batalha de Atbara.

combates com os Mahdistas em Ouhadi-Alfa e Berber, matando-lhes centenaes de cavalleiros e aprisionando enormes rebanhos e ha duas semanas alcançaram uma brillantissima victoria que é um grande passo para o definitivo bom exito da campanha.

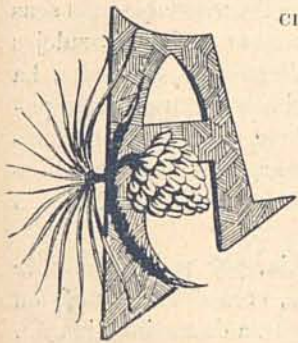
Referimo-nos á batalha d'Atbara, na qual foi destruido e aprisionado um grande exercito do Mahdi de mais de vinte mil homens, não contando os milhares de escravos e mulheres. Toda essa população commandada pelo Mahmoud, (que a nossa gravura representa) parente e um dos grandes capitães do Mahdi, cahio em poder do exercito anglo-egypcio forte sómente de dez mil homens. O primeiro regimento que teve a honra de galgar as trincheiras dos Sudanezes, foi o dos *Cameron's Highlanders*, um dos mais populares da Inglaterra que vão sempre ao fogo ao som do *piper* nacional, a gaita de folles escosseza. Mas em toda a peleja inglezes e egypcios rivalisaram de bravura concorrendo todos para o resultado da grande victoria. A queda de Kartum, distante de Atbara 300 kilometros não é mais que uma questão de mezes e, antes que o presente anno finde, a Inglaterra vingará um pouco tardiamente mas de um modo efficaz a morte do grande heroe Gordon Pachá.

C. JORDANO.



SEVILHA E SEVILHANAS

(NOTAS DE VIAGEM)



CIDADE de Hespanha, que maior fama tem em todo o mundo é Sevilha, ou porque o seu nome invoque passados esplendores ou porque a belleza de suas filhas tenha creado em torno d'esse nome como que uma aureola de poeticos amores.

Dos esplendores de outr'ora ficou decerto universal memoria, pois Sevilha era no seculo

XVI o unico porto do velho mundo aonde os thesouros do novo chegavam nas espaçosas naus. Pelo Guadalquivir acima, toda a riqueza das conquistas de Colombo affluia á gloriosa Hespanha e d'ahi se espalhava pela Europa, desde a visinha e capitosa côrte de Francisco Iº, até ao remoto e bellico estado de Ivan o Terrivel.

De suas filhas ainda hoje o olhar ardente illumina toda a Andaluzia e quem uma vez viu os seus rostos morenos atravez da fina renda das mantilhas, seguiu a linha ondeante dos seus corpos flexiveis e descobriu os seus pés minusculos e fidalgos, guardará para sempre na memoria a sua imagem fascinadora e inquieta.

* * *

O primeiro monumento que se visita em Sevilha é a Ca-

thedral, que os hespanhoes quizeram fazer e fizeram a mais vasta e a mais rica do mundo. Nada se pode com-



A cigarreira Mariana.



Um Patéo.

parar á magestade e á grandeza d'este edificio. Apesar do desmoronamento da cupula central, que em 1888 destruiu uma parte da igreja, arrasou o côro e despedaçou um retabulo de madeira lavrada de alto preço e de dimensões consideraveis, a immensa basilica apparece aos olhos do visitante como um trabalho grandioso de gigantes, como um esforço sublime de uma raça inteira de artistas. Para dar ideia das suas proporções basta citar o que pitorescamente disse Teophilo Gauthier: « a cathedral de Nossa Senhora de Paris podia passear dentro d'esta sem baixar a cabeça », para mostrar quanto é precioso o seu conjuncto artistico basta enumerar os artistas celebres que a adornaram, Murillo, Herrera, Zurbaran, Alonso Cano, Juan de las Roelas, etc.; para avaliar o seu thesouro em alfaias e objectos do culto, basta dizer que a custodia em prata massiça é de tal modo pesada que são precisos mais de vinte e quatro homens para levantá-la, que os candelabros numerosos e gigantescos, os vasos e os thuribulos, os ornamentos do altar são de metaes preciosos, cinzelados por artistas famosos e realçados de gemmas incomparaveis.



Um jardim em Sevilha.

Como se tantas maravilhas não bastassem á magnificencia do culto e á gloria da gloriosa cathedral, tumulos de reis e de santos enchem as capellas silenciosas de vozes mysticas e evocadoras.

Por traz de um pesado e custoso reposteiro de purpura, que só trez vezes por anno se affasta, reposa, n'um tumulo de crystal e oiro, o corpo intacto de são Fernando, rei de Castella e de Aragão; perto dormem Pedro o Cruel, Affonso X e a Rainha D. Beatriz e não longe o estandarte vencedor de Fernando e a sua vencedora espada immobilizam-se tambem no repouso eterno, na sombra azulada e mystica da alta Capella Real.

Depois de ter passado alguns minutos de recolhida admiração defronte do Santo Antonio de Padua de Murillo, talvez a obra mais sublime do mestre, sobe-se á torre da Cathedral, a famosa Giralda, que tantos cancioneiros inspirou e que tão celebre é em toda a península.

Do alto da plataforma que domina o campanario, Sevilha inteira apparece como um grande acampamento de tendas muito brancas, onde apenas aqui e alem se abre uma vasta mancha de sombra: a praça de toiros ou os jardins do Alcazar.

O Alcazar!

Este nome é como que uma in-

vocação, quasi que um desafio de uma maravilha a outra maravilha. O monumento arabe que foi moradia de tantos reis de armas a defrontar a basilica catholica que hoje é tumulo d'esses mesmos reis! E este contraste entre a vida passando á sombra das laranjeiras, perto do murmurar das fontes e a morte dormindo no silencio da fé, desperta no *touriste* um imperioso desejo de fugir da cathedral e ir depressa muito depressa, atravez das ruas estreitas e banhadas de sol, para esse oasis de verdura, de côr e de luz.

* * *

O Alcazar de Sevilha não vale decerto a Alhambra de Grenada, mas nem por isso deixa de ser um dos bons especimens da architectura arabe. Acresce que nos seus jardins de buxo e limoeiros, nos seus patios de azulejos de vivas cores, nos seus salões de cupulas graciosas, ha como que um perfume de passadas aventuras e não pareceria raro que, por noites de luar, o visitante propenso a meditações historicas visse passar, entre as finas columnatas, a sombra de Maria Padilha a amante de Pedro o Cru.

E porque não? Se não ha guia, por mais ignorante das legendas, que não vos conte, com detalhes mais ou menos pittorescos, segundo a riqueza da sua imaginação, algum facta da vida da celebre favorita.

Quando depois de se ter visto o pateo de *las Doncellas*, o salão de *los Embajadores*, o patio de *las Muñecas*, etc., se visita as galerias em abobada dos banhos, não ha meio de impedir o *ciceroni* sevilhano que vos conte a atrevida resposta d'aquelle fidalgo que...

Mas façamos como o *ciceroni*, contemos a celebre anedocta:

Pedro o cruel, que juntava á detestavel qualidade que lhe mereceu o cognome uma requintada sensualidade, resolvera que a côrte assistisse ao banho da sua formosissima favorita Maria Padilha.

Esta cerimonia extranha, que satisfazia o lubrico desejo do monarcha e o amor proprio da sua amante, pro-



Sevilha. — Um café concerto popular.

vocou da parte dos cortezãos um excesso de galanteria, que por ser de natural adulação na cõrte de um rei caprichoso e feroz nem por isso deixava de ser de um ridiculo exagero.

Consistia essa suprema galanteria em beber da agua onde o corpo escultural da soberba audaluza se tinha banhado.

Nobres que arvoravam brazão de remoto heroismo e de indomavel altivez, velhos fidalgos que em cem batalhas haviam ajudado e levantado o throno de Castella, jovens pagens que sonhavam longiquos e perigosos empreendimentos, todos emfim, logo que, com um riso claro, Maria Padilha saia da agua, vinham junto da bacia de marmore e em pucaros lavrados bebiam.

Pedro contemplava-os com um satisfeito sorriso nos labios delgados e palidos.

Um dia porem, um cortezão a quem não agradava este novo modo de submissa cortezia, procurou esquivar-se á cerimonia escondendo-se por traz do grupo dos que bebiam.

De um gesto rapido e imperioso, o rei, que o não perdera de vista, ordenou que se aproximasse e fitando-o com o seu olhar vitreo e mau perguntou-lhe porque não fizera como os demais fidalgos.

O cortezão arredondou o dorso n'uma respeitosa venia e manhosamente respondeu :

— Senhor, se não bebi, foi porque receiei que tendo provado o molho, me viessem desejos de provar tambem a perdiz.

Maria Padilha, que ouvira a resposta, soltou uma gargalhada sonora, Pedro o Cruel sorriu, em toda a cõrte houve como que uma explosão de alegria e a resposta passou á historia.

* * *

Os jardins do Alcazar são de uma belleza unica, as arvores de buxo, que foram plantadas pelos reis arabes, formam negros recantos de sombra; graciosas palmeiras estendem as longas folhas por sobre as roseiras em flôr



Uma Guitarrista.



Fandango sevilhano.

que embalsamam o ar de um perfume quente e doce velhas laranjeiras appoiam na terra os ramos frondosos e cançados; a verdura clara dos limoeiros desenha sobre os muros de tijolo phantasticos arabescos; a vinha dourada e alta, sobe e apendra-se ao longo dos claustros. As alamedas d'este jardim encantado são calçadas de marmores coloridos, de azulejos brilhantes ou de tijolos esmaltados.

Jogos d'agua surdem aqui e alem, espalhando em todo este recinto uma frescura deliciosa. Conta-se que Pedro — sempre a memoria do rei cruel! — mandara furar nos lagedos e ladrilhos das alamedas, pequeninos e perfidos buracos aonde a agua dos reservatorios vinha por canalisções subterraneas, e donde saia por surpresa, em jactos finos, quando as damas do paço passeavam por ali. E escondido por traz d'alguma janella arabe recortada em madeira de cedro, o monarcha assistia ao alvoço encantador das donzelas, aos gritos alegres, ao arregaçar das sedas farfalhantes que n'alvura das rendas, descobriam por vezes uma perna escultural e firme...

Hoje o Alcazar é mudo e silencioso como um museu ou como um tumulo. No jardim, os parades esvoaçam livremente, com o afan e a algazarra de um bando de vandalos que tivesse invadido um convento... e nas fontes de marmore quasi seccas, as folhas seccas do passado outõno, são como as paginas dispersas de um livro que não mais se lê...

* * *

Da Sevilha moderna para que falar? A civilização traz consigo a uniformidade e um bairro novo de Sevilha não differe sensivelmente de um novo bairro de Paris.

Até, quando em tardes de verão, o estrangeiro procura, no parque das *Delicias*, descobrir a fina belleza da aristocracia indigena, até ahi o luxo das equipagens á ingleza e das *toilettes* parisienses, apaga os soberbos traços da raça andaluza, confrangida nos rigidos habitos do norte que não servem e antes prejudicam a sua belleza meridional.

Quem quizer ver ainda uma mantilha, um chale de vivas côres e um pé bem calçado n'aquelles tão elegantes sapatinhos de Sevilha, tem que ir aos bairros excêntricos, a Triana, por exemplo, ou visitar a fabrica de tabacos e ver, á sahida, o desfilar das operarias.

As verdadeiras sevilhanas só ahi se encontram; ou nos logares do sol da vasta praça, de toiros ou nos concertos populares dos lados de Alcalá.

De cigarro na bocca, a mão no quadril redondo se gurando o chale, a mantilha alta sobre o pente alto de

tartaruga, o leque vivo abanando sobre o seio tumido, a saia curta descobrindo um pé nervoso, cada sevilhana invoca a imagem de Carmen, da Carmen de amor e de perdição, que de um olhar tyranô vassala um rei.

Ninguem como ella sabe picar uma flôr nos cabellos, traçar o chale ou a mantilha, traduzir no movimento nervoso do seu leque as impressões do seu espirito impaciente.

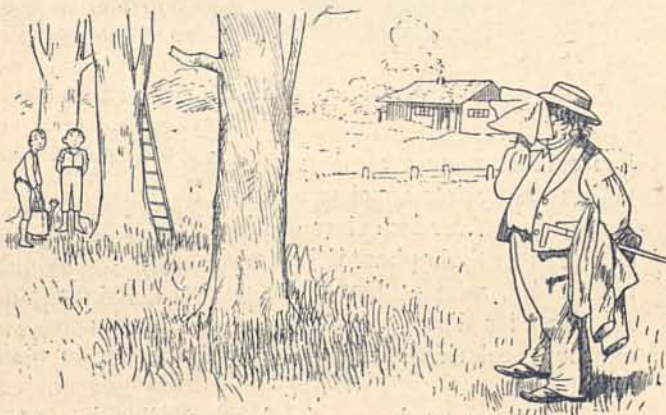
A sua alma é funda como o seu olhar.

Com a constancia do amor das sevilhacas, a ardencia da sua fé, a heroicidade do seu patriotismo só pôde rivalisar a sua belleza.

De toda a raça peninsular ellas realizam o typo mais perfeito e ainda hoje não é raro encontrar pelas ruas o rosto quasi divino das virgens que Murillo fixou sobre a tela.

MIGUEL DE LENCASTRE.

HISTORIA COMICA



1



3



2



4

A MOSCA E O REGADOR.

Artistas celebres

Emma Calvé

QUANDO OS SNRS. Cain e Bernède propuzeram a Alphonso Daudet extrahir de *Sapho*, o maravilhoso romance do mestre, um libretto de opera-comica, o celebrado homem de letras hesitou, porquanto, entre as artistas de canto n'aquella epocha mais em evidencia em Paris, nenhuma, a seu vêr, saberia encarnar a personalidade extranha de Sapho; quando, porém, Cain citou o nome de Emma Calvé, que de bom grado deixaria a America, onde colhia dollars e applausos, para vir a Paris crear a heroína de Daudet, o illustre romancista accedeu de prompto á proposta. Massenet encarregou-se da musica, e, mezes após a primeira entrevista dos librettistas e do auctor de *Sapho*, o publico parisiense corroborava a opinião de Daudet, que considerava Emma Calvé como a unica interprete de sua heroína.

Na verdade, bem difficil seria uma melhor escolha e impossivel encontrar uma mais intelligente interprete para dar esse cunho de verdade e de naturalidade de que é toda feita a delicada e nervosa creatura que se chama Sapho. Emma Calvé comprehendeu-a admiravelmente e em toda a peça, de principio a fim, a artista percorre com extraordinario talento a escala dos sentimentos e paixões que dominam o personagem e que constituem o interesse capital e palpitante d'esse romance d'amor. As representações de *Sapho* na Opera-Comica, justamente quando o pranteado auctor e romancista expirava tristemente n'um leito de dôr, contribuíram bastante para mais realçar as grandes e solemnes manifestações de pesar com que o publico parisiense honrou a memoria do brilhante escriptor. Ainda entre os grandes triumphos de Calvé é preciso citar o papel de Carmen na opera de Bizet, no qual uma multidão d'*habitues* a proclamam interprete sem rival, cheia de graças e de um perturbador encanto, provocando sempre um entusiasmo delirante.

M^{lle} Calvé, além de ser intelligente artista dramatica, possúe uma voz admiravel, tirando d'ella todos os partidos; uma voz bem completa e educada em todas as suas *nuances* d'harmonia, uma voz que não póde deixar o es-

pectador indifferente e que faz sinceramente vibrar o personagem que ella exprime.

Como mulher é uma notavel belleza de theatro e a sua adoravel cabeça illuminada por dois olhos negros tem feito em torno d'ella um indefinido numero de admiradores que não se fatigam de applaudil-a e naturalmente de contemplal-a.

Não podemos tambem deixar de mencionar uma das ultimas

creações de Calvé na Opera-Comica e se não nos falla a memoria, aquella que precedeu a de *Sapho*. Referimo-nos á inspirada opera de Massenet, *La Navarraise*, emocionante pela sua patriotica e inspirada musica, secundada por um enredo litterariamente feito e magistralmente representado. Cantora e artista rivalisaram de successo na execução da obra do mestre francez e mais um florão veiu guarnecer a sua já tão pesada corôa de triumphos.

Emma Calvé, presentemente partilha os seus successos entre o publico de Pariz e o de Londres. Durante a *season*, quando as festas da aristocracia londrina alegram a grande metropole, o nome de Calvé nos programmas de Covent Garden chama ao theatro de Bond Street uma multidão de elegantes que disputam os logares a golpes de libras. Repetem-se então os mesmos applausos da Opera Comica, e o nome da sympathica artista é sempre

acclamado e festejado por esse publico tão correcto e elegante, composto na sua maioria de nobres millionarios.

Nascida em Madrid em 1864, Calvé estudou sob os auspicios de Marchesi. A sua estreia em Nice foi prometedora, e mais tarde, em 1882, cantando em Bruxellas o *Fausto*, de Gounod, foi a cantora consagrada como uma das mais bellas e seductoras Margaridas. Percorreu a Italia em 1889, e ali, entre applausos unanimes, tornou conhecidos do publico italiano *Os pescadores de perolas*, de Bizet. Depois de visitar a America do Norte, veiu crear em Paris, em 1892, a *Cavalleria rusticana*, de Mascagni, dando ao papel de Santuzza uma feição tragica e emocionante apresentando este personagem da popular opera italiana enquadrado n'um dos mais bellos typos de *madona*, amorosa e vingativa.

ESPECTADOR.





a Illustre Casa de Ramires

Continuado do n.º 18



degradado, o Gouveia remataria, com um puxão á sobrecasaca : — « E se vai perdoado d'esta vez é que o Sr. Gonçalo Mendes Ramires, bom e generoso, me pediu por vossê. Rua! E trema! » Assim tinha de se resguardar, por estes meios tortuosos, pois que não era deputado, — carecia o prestigio que suspende no ar os varapáus atrevidos.

crecidas á sombra da Casa illustre, por tantos seculos senhora em monte e valle, ousava ultrajar um Ramires! E brutaemente, erguendo a foice deante dos muros da quinta historica! Contava seu pae que, em vida do bisavô Ignacio, ainda desde Ramilde até Corinde os homens dobravam o joelho nos caminhos quando passava o Senhor da Torre. E agora levantavam a foice!... Porque? Ninguem em toda a Provincia mais affavel e lhano do que elle com os povos do campo, a quem queria docemente, como a irmãos incultos e desprovidos. E, por que não se desfalcara submissamente das suas rendas, logo um brigão o assalta, á foiçada, n'uma azinhaga! Em tempos do avô Tructesindo, villão de tal attentado assaria, como um porco montez, n'uma vistosa fogueira, deante das barbacans da Honra. Ainda em dias do bisavô Ignacio apodreceria n'uma masmorra. E o Casco não podia tambem escapar, sem castigo. A impunidade só lhe incharia a audacia : e assomado, rancoroso como era, n'algum outro encontro, sem mais fallas, desfecharia a caçadeira!

Logo porem ao começo da villa os deixou n'uma taverna : e elle cortou rapidamente para o Mercado da Herva, para a Tabacaria do Simões, onde o Gouvêa, áquella hora, antes da partida da Assembleia, costumava parar, comprar uma caixa de phosphoros, e assobiar pensativamente encostado a humbreira. Mas n'essa noite o Sr. Administrador faltára ao Simões costumado. Largou então para a Assembléa; e em baixo, no bilhar, soube pelo marcador que o Sr. José Gouvêa não comparecera n'esses tres dias, nem mesmo pela manhã, para ler os jornaes. E um sujeito, de collete desabotoado, espapado n'um banco, que mascava um palito, contêmpando as caram-

Oh! não lhe desejava um mal duravel. Coitado, tinha dois filhos pequeninos — um que mamava! Mas pelo menos que o arrastassem á Administração, algemado, entre dois cabos de policia: e ahi, diante da mesa dos amanuenses, na saleta triste d'onde se avistam as grades da cadeia, que recebesse uma reprehensão do amigo Gouvêa, bem secco, bem esticado na sobrecasaca. E, depois de rosnar cavamente ameaças de multa, de prisão

de degredo, o Gouveia remataria, com um puxão á sobrecasaca : — « E se vai perdoado d'esta vez é que o Sr. Gonçalo Mendes Ramires, bom e generoso, me pediu por vossê. Rua! E trema! » Assim tinha de se resguardar, por estes meios tortuosos, pois que não era deputado, — carecia o prestigio que suspende no ar os varapáus atrevidos.

Logo que findou o café, mandou pelo Bento aos dous jornaleiros que o esperassem no pateo, armados — porque na Torre ainda existia uma « Salla d'armas », cacifro escuro, junto ao Archivo, onde se conservavam ferros de alabardas, antigas espadas ferrugentas, bacamartes de 1820, e tres espingardas limpas com que os moços da quinta caçavam ou atiravam descargas nas romarias em louvor dos Santos.

Depois elle, no seu quarto, encafuou o revolver na algibeira, escolheu um bengalão poderoso de cabo de chumbo entrançado. E assim precavido, aquecido pelo Verde e pelo Alvaralhão, com os dous creados, partiu para Villa Clara, procurar o Gouvêa. A noite envolvia os campos em suavidade, quietação e frescura. A lua nova, que alimpara o tempo, roçava a crista dos outeiros de Valverde, como a roda lustrosa d'um carro de ouro. No silencio os grossos sapatões pregueados dos dous jornaleiros ressoavam em cadencia : e Gonçalo adiante, de charuto flammante, gosava aquella marcha, em que de novo um Ramires trilhava os caminhos de Santa Ireneia com homens da sua mercê e solarengos armados.

Logo porem ao começo da villa os deixou n'uma taverna : e elle cortou rapidamente para o Mercado da Herva, para a Tabacaria do Simões, onde o Gouvêa, áquella hora, antes da partida da Assembleia, costumava parar, comprar uma caixa de phosphoros, e assobiar pensativamente encostado a humbreira. Mas n'essa noite o Sr. Administrador faltára ao Simões costumado. Largou então para a Assembléa; e em baixo, no bilhar, soube pelo marcador que o Sr. José Gouvêa não comparecera n'esses tres dias, nem mesmo pela manhã, para ler os jornaes. E um sujeito, de collete desabotoado, espapado n'um banco, que mascava um palito, contêmpando as caram-

bolas solitarias do marcador, informou do seu canto:

— V. Ex.^a. encontra o Gouvêa em casa... Tem estado em casa com uma angina.

Outro cavalheiro porem, que remexia o seu café á esquina d'uma mesa atulhada de garrafas de licôr, affiançou que o Sr. Administrador já sahira n'essa tarde. Ainda pelas cinco horas o cruzara na Amoreira... E com effeito trazia o pescoço atabafado n'um cache-nez.

Gonçalo, já impaciente, abalou para casa do Gouveia, no alto, á esquina do Correio. Ahi a creada, loura e esperta, declarou que o Sr. Administrador, naturalmente, passava a noite em casa do Dr. Macedo por serem os annos da Snra D. Philomena. O fidalgo desceu a Calçadinha, furioso: e desembocava no Largo do Chafariz, quando avistou, do outro lado, á porta muito alumiada da loja de pannos do Ramos, o José Gouvêa, com um homensarrão, gordo, de guarda-pó alvadio.

E foi o Gouvêa, que, com o dedo espetado, n'um alvoroço, investio para Gonçalo:

— Então, já sabe?

— O quê?

— Então não sabe, homem?... O Sanches Lucena!

— O quê?

— Morreu!

O fidalgo embasbacou para o Administrador, depois para o outro cavalheiro, que repuxava na mão enorme uma luva preta nova, muito estreita:

— Santo Deus!... Quando?

— Esta madrugada... De repente! Angina pectoris, não sei quê no coração... De repente, na cama.

E ambos ficaram um momento calados, á porta do Ramos, no espanto renovado d'aquella morte do Sanches Lucena que impressionava Villa-Clara.

— Ora, ora! murmurou por fim Gonçalo. E eu ainda esta tarde, ha bocado, na Torre, a fallar d'elle... E, coitado, como sempre, com pouca admiração.

— E eu! exclamou o Gouvêa. Eu, que ainda hontem lhe escrevi!... E uma carta comprida, por causa d'um empenho do Manoel Duarte... Foi o cadaver que recebeu a carta.

— Bôa piada! rosnou gravemente o sujeito obeso, que se esforçava contra a luva aperreada. O cadaver recebeu a carta... Bôa piada!

O Fidalgo torcia o bigode, pensativo:

— Ora, ora... E que idade tinha elle?

O Gouvêa sempre o imaginara um velho completo, de setenta annos. Pois não! apenas sessenta, em Dezembro. Mas consumido, arrasado. Casára tarde, com femea forte...

— E ahi temos pois a bella D. Anna, viuvinha

aos vinte e oito annos, sem filhos, naturalmente herdeira, e com o seu mealheiro de dusesentos contos... Talvez mais!

— Bôa maquia! rosnou de novo o sujeito obeso e grave, que enfiara a luva, e agora gemia, com as veias inchadas, para lhe apertar o colchete!

Aquelle cavalheiro constrangia o Fidalgo — ansioso por desabafar com o Gouvêa sobre a crise politica que creava no circulo de Villa-Clara a brusca desappareição do Chefe. E não se conteve, puchou confidencialmente o Gouvêa pelo botão da sobrecasaca, para a escuridão frondosa da acacia que defrontava a loja do Ramos:

— Oh! Gouvêa! então agora, hein?... Temos uma eleição suplementar... Quem virá pelo circulo?

E o administrador, muito simplesmente, sem se resguardar deante do sujeito de guarda pó, que, emfim enluvado, acendera o charuto, se acercava — deduzio os factos:

— Agora, meu amigo, com o tio do Cavalleiro ministro da Justiça e o João Ernesto ministro do Reino, vae deputado pelo circulo quem o André Cavalleiro mandar. E' claro... O Sanches Lucena teve sempre o seu logar em S. Bento por uma indicação natural do partido. Era aqui o primeiro homem, o grande homem dos Historicos... Bem! Hoje, para decidir o Governo, como falta a indicação natural do partido, que resta? O desejo pessoal do Cavalleiro. Pelo circulo, logicamente, sahe quem o Cavalleiro apresentar como um bom continuador do Lucena, bem influente, de bôa estabilidade territorial... Você sabe como o Cavalleiro é regionalista. N'outro circulo ainda se podia encaixar á pressa um deputado, feito em Lisboa, alheio á terra. Aqui não. O deputado tem de ser local e Cavalleirista. E o proprio Cavalleiro, acreдите vossê, está a esta hora embaraçado.

O sujeito gordo murmurou com importancia, atravez do immenso charuto que mamava:

— Amanhã já estou com elle, já sei.

Mas o Administrador cravava em Gonçalo os olhos espertos, que brilhavam, como se uma idéa inesperada e superior o sulcasse, o illuminasse. E de repente, para o homem do guarda pó:

— Pois, meu caro Sr., até alem d'amanhã. Ficamos entendidos. Eu remetto o cestinho dos queijos directamente ao Sr. Conselheiro.

Tomou o braço de Gonçalo, que apertou com entusiasmo. E mettendo para a Calçadinha:

— Oh! Gonçalo! Escute lá... Vossê agora tinha uma occasião soberba! Vossê, se quizesse, estava d'aqui a quatro semanas deputado pelo circulo!

O outro estacara, como varado por uma espada.

— Escute, homem! Vossê não tem compromissos serios com os Regeneradores. Você deixou Coimbra ha um anno, tenta agora a vida publica, não fez ainda acto firme e definitivo de par-

tidário. Lá uma ou outra correspondência para os jornaes, historias!...

— Mas...

— Escute, homem! Vossê quer entrar na Política? Quer. Então, pelos Historicos ou pelos Regeneradores, é indifferente. Ambos são constitucionaes e ambos são christãos. A questão é entrar, é furar. Ora vossê, inesperadamente, encontra agora uma porta aberta. O que o pode embarçar, hein? As suas inimizadas particulares com o Cavalleiro? Tolices!

Atirou um gesto, forte e secco, como se varresse essas puerilidades:

— Tolices! Entre vossês não ha morte d'homem. Nem vossês, no fundo, são inimigos! O Cavalleiro é rapaz de talento, rapaz de brilho. Não ha outro, aqui no districto, com quem vossê tenha mais conformidade de espirito, de gostos, de maneiras, de tradições... N'uma terra pequena, mais dia menos dia, fatalmente, se impunha a reconciliação. Então seja agora, quando a reconciliação o pôde levar ás Camaras!... Olhe que era uma cartada de mestre, caramba! E repito. Vai deputado pelo circulo unica e absolutamente quem o Cavalleiro mandar!

O fidalgo da Torre respirou anciosamente. Deu ainda alguns passos mudos junto do Administrador, que o considerava de lado, com um olho fino e acceso de Tentador. Por fim, n'uma hesitação que já não era a da vontade:

— Mas o Cavalleiro, como você disse, é todo local, todo regional. Não quererá impôr senão um homem como o Lucena, de fortuna, de influencia...

O outro alargou os braços:

— E então, vossê?... Que diabo! Vossê tem aqui propriedade; tem a Torre, tem Treixedo. Sua irmã hoje é rica, mais rica que o Lucena. E depois o nome, a familia... Vossês, os Ramires, estão estabelecidos, com solar em Santa Ireneia, ha mais de duzentos annos.

O fidalgo da Torre ergueu com vivacidade a cabeça:

— Duzentos?... Ha, mil, ha quasi mil!

— Ora ahí tem! Ha mil annos. Anterior á monarchia. Pelo menos coeva!... Veja lá! Uma casa coeva... Você é portanto mais fidalgo que o Rei! E então isso não é uma situação superior á do Lucena? Sem contar a intelligencia... Oh! diabo!

— Que é?

— A garganta... Uma picadita na garganta. Ainda não estou consolidado.

E decidiu immediatamente recolher a casa, porque o Dr João Macedo prohibira as noitadas festivas. Mas Gonçalo acompanhava até á porta o amigo Gouvêa. E, conchegando mais o cache-nez, o Administrador resumio a sua idéa:

— Pelo circulo entra quem o Cavalleiro quizer;

Se vossê estender a mão ao Cavalleiro, o circulo é seu, Gonçalinho! O Cavalleiro, creia vossê tinha o maior empenho, o maiorissimo empenho, em o eleger deputado.

— Isso é que eu não sei, José Gouvêa...

— Sei eu!

E em confidencia, na solidão da Calçadinha, José Gouvêa revelou ao fidalgo que o Cavalleiro lamentava aquellas dissensões ruidosas, suspirava pelo momento de reatar o abraço de fraternidade com o seu velho Gonçalo! Ainda na semana passada lhe dissera (palavras textuaes): « O Gonçalo é o rapaz d'esta geração com mais futuro na Política. Tem tudo: grande nome, grande talento, as maneiras, a seducção, a eloquencia... Tem tudo! E desejava, ardentemente desejava, ser eu que o levasse ás Camaras! »

— Palavras textuaes, meu amigo!... Ainda ha quatro ou cinco dias, em Oliveira, depois do jantar, a tomarmos ambos café no quintal, debaixo da cerejeira!

Gonçalo não recalcou um tremido suspirinho d'emoção. Depois, lentamente, como abrindo deante do Gouvêa, um por um, todos os recantos da sua alma:

— Eu tambem conservo, na realidade, toda a sympathia pelo Cavalleiro. E essas questões intimas com a familia, adeus! Passaram, caducaram, mais obsoletas que os aggravos dos Horacios e dos Curiacios... Como vossê disse ha pouco, com razão, não houve entre nós morte de homem. Que diabo! Eu fui educado com o Cavalleiro. Eramos como irmãos... Acredite vossê! Sempre que o vejo, sinto um appetite doido, mas doido, de correr para elle e de lhe gritar: « Oh! André! o que vai não volta, e atira para cá esses ossos! » Creia vossê, não o faço por timidez... É timidez... Oh! não, lá por mim, estou prompto á reconciliação, todo o coração m'a pede! A difficuldade está n'elle. Porque emfim, nas minhas correspondencias para a *Gazeta do Porto*, tenho sido feroz com o Cavalleiro!

O José Gouvêa parou, de bengala ao hombro, considerando o fidalgo com um sorriso divertido:

— Nas correspondencias? Que lhe tem vossê dito nas correspondencias?... Que o Sr. Governador Civil é um despota e um D. Juan! Meu caro amigo, não ha homem nenhum que não goste que lhe chamem, por opposição politica, despota e D. Juan. Vossê imagina que elle se tem affligido? O que se tem é babádo... Babádo!

O fidalgo murmurou, inquieto:

— Sim! Mas as allusões á bigodeira, á guedelha...

— Oh! Gonçalinho! Bellos cabellos anelados, bellos bigodes torcidos, não são defeitos de que um macho se envergonhe. Pelo contrario! Todas mulheres gostam. Vossê pensa que ridicularisou o Cavalleiro? Não! annunciou simplesmente ás

madamas e meninas, que lêem a *Gazeta do Porto*, a existencia d'um mocetão esplendido que é Governador Civil em Oliveira.

E parando de novo (por que roçavam a esquina do Correio, defronte da sua casa) o Administrador estendeu o dedo, para o supremo conselho :

— Gonçalo Mendes Ramires, vossê amanhã manda buscar a parelha do Torto, salta para a sua caleche, corre á cidade, entra pelo Governo Civil de braços abertos, e grita sem outro prologo : « André, o que lá vai, lá vai ! venham essas costellas ! E como o circulo está vago, venha tambem esse circulo ! » F vossê está deputado por Villa-Clara dentro de tres ou quatro semanas, com todos os sinos a repicar... Quer tomar chá ?

— Não, obrigado.

— Bem, então viva ! Tipoia amanhã e Governo civil... Está claro, é necessario arranjar um pretexto...

O fidalgo acüdiu, excitadamente.

— Eu tenho um pretexto ! Não ! Quero dizer, tenho necessidade real, mesmo absoluta, de fallar com o Cavalleiro ou com o Secretario geral. É uma questão de caseiro... Até por causa d'essa infeliz trapalhada o procurei eu hoje a você, Gouveia !

E contou a aventura do Casco, com gestos revoltos que a inchavam como um melodrama. Durante semanas, com um afferro sombrio, esse fatal Casco o torturara, para lhe arrendar a Torre. Mas elle tratara com o Pereira, homem abastado, o mais fino amanhador de terras em Portugal, e por uma renda esplendidamente superior á que o Casco offerencia, a gemer. Desde então o Casco, um brigão assomado, rugia, ameaçava, por todas as tabernas da Freguesia. E, n'essa tarde, surde d'uma azinhaga, rompe para elle, de varapau erguido ! Mercê de Deus, lá se defendera, lá sacudira o bruto, com a bengalla. Mas agora, sobre o seu socego, sobre a sua vida, pairava a affronta d'aquelle cajado. E, se o assalto se renovasse, elle varava o Casco com uma bala, como um bicho montez... Urgia pois que o amigo Gouveia chamasse o homem, o reprehendesse rijamente, o entaipasse mesmo por algumas horas na Cadeia...

O Administrador, que escutára palpando a garganta, atalhou logo, com a mão espalmada :

— Governo Civil, caro amigo, Governo Civil ! Esses casos de prisão preventiva pertencem ao Governo Civil. Reprehensão não basta, com tal bruto... Só Cadeia, um dia de cadeia, a meia razão. O Governo Civil que me mande a ordem. Você realmente corre perigo. Nem um instante a perder !... Amanhã tipoia e Governo Civil. Mesmo por amor da Ordem Publica.

E Gonçalo, compenetrado, cedeu alvoroçadamente a esta nobre razão da Ordem :

— Bem, José Gouveia, bem !... Com effeito é uma questão de Ordem Publica. Vou amanhã ao Governo Civil.

— Perfeitamente, concluiu o Administrador puxando o cordão da campainha. Dê recados meus ao Cavalleiro. E só lhe digo que havemos de arranjar uma votação tremenda, e foguetorio, e vivas, e ceia magna no Gago... Você não quer tomar chá, não ? Então boas noites... E olhe ! D'aqui a dous annos, quando Você fôr ministro, Gonçalinho, recorde esta nossa conversa, á noite, pela Calçadinha de Villa-Clara.

Gonçalo Mendes Ramires seguiu pensativamente por defronte do Correio, depois em torno da Igreja de S. Bento, até á estrada, plantada de acacias, que leva ao Cemiterio. E, n'aquelle alto da Villa, d'onde, ao desembocar da apertada Calçadinha, se abrangia a largueza rica dos campos até Santa Ireneia e Valverde — elle sentio que tambem na sua vida, monotona como a Calçadinha, se alargara um arejado espaço todo cheio d'interessante bulicio e de abundancia ! Era o muro, em que sempre se imaginara cerrado, que de repente rachava. Eis a fenda, facilitadora e clara ! Para alem reluzia tudo o que desde Coimbra appetecera ! Mas, no passar atravez d'essa fenda, de certo se rasgaria a sua dignidade e se rasgaria o seu orgulho... Que fazer ?

Ah ! seguramente ! Abrindo os braços ao animal do Cavalleiro conquistava a sua eleição ! O circulo, infeudado aos Historicos, elegeria o Deputado que o chefe Historico ordenasse com o dedo alto. Mas essa reconciliação importava a entrada triumphal do Cavalleiro, e da sua lustrosa bigodeira e dos seus olhos requebrados, na quieta, venturosa casa do Barrolo. Elle vendia o socego, o puro nome da irmã por uma cadeira em S. Bento. Não ! não podia, pela honra de Ramires ! — E Gonçalo suspirou alto no luminoso silencio da estrada.

Depois, durante quatro annos, não voltariam eleições. E alli ficaria elle no buraco de Santa Ireneia, jogando á noite voltaretos somnolentos na Assembleia, trotando cada mez para Oliveira na parelha russa do Torto, sem carreira, immovel na vida, a ganhar musgo, como a sua caduca, inutil Torre ! Caramba ! era faltar torpemente aos deveres mais santos para comsigo, para com o seu nome ! E porque ? Por uma exaggeração morbida do pundonor... Em breve todos os seus camaradas de Coimbra penetrariam nos bons Empregos, nas ricas Companhias, e um ou outro, mais audaz ou servil, no Ministerio. E elle, com talentos superiores, alli, de sapatos brancos, gastando enfadadamente a estrada de Villa-Clara, pelo receio pueril de pôr a espessa bigodeira do Cavalleiro muito perto dos fracos labios de Gracinha !... E por fim este receio constituia uma injuria, uma sordida injuria, á seriedade da irmã. Porque Portu-

gal não se honrava com mulher mais séria, mais rígida no seu pensar. Aquelle corpinho ligeiro, que o vento levava, continha uma alma heroica! O Cavalleiro?... Podia s. exc^a. sacudir com graça suprema a guedelha, e jorrar dos olhos pestanudos a languidez ás ondas — que Gracinha permaneceria tão inacessível e firme na sua virtude, como se fosse insexual e de duro marmore. Oh, realmente, por Gracinha, elle abria sem inquietação ao Cavalleiro todas as portas do palacete do Largo d'El-Rei — mesmo a porta do quarto d'ella! E repellir a fortuna que o solicitava, com medo de comprometter o coraçãozinho da irmã — era rebaixar lorpamente, no seu valor moral e social, a fortuna e a irmã.. Alem d'isso, ella adorava o Barrolo. Depois não se tratava de uma donzella, nem d'uma viuva. Na casa do Largo d'El-Rei havia, mercê de Deus, marido brioso, marido rijo. E a esse, só a esse, cumpria velar pela pureza do seu lar... Não! essa consideração de Gracinha certamente a devia affastar, com o coração desafogado e sorrindo. Recear que a sua honrada, altiva Gracinha se rendesse aquelles bigodões bezuntados de pommada!... Oh! para bem longe tal receio, perverso e burlesco! — E, na clara solidão da estrada, Gonçalo Mendes Ramires atirou um gesto immenso, que sacudia.

Restava porem outra difficuldade e amarga — a sua propria humilhação! Desde annos, por toda a parte, conversando, escrevendo, em Coimbra, em Villa-Clara, em Oliveira, no Gago, na *Gazeta do Porto*, elle demolira o Cavalleiro! E correria agora, de hombros vergados, ao Governo Civil, a murmurar o seu — *peccavi, mea culpa mea maxima culpa?* Que escandalo na cidade! « O Fidalgo da Torre lá precisou, e lá veio... » Era o triumpho transbordante do Cavalleiro. O unico homem que no Districto se conservava direito, gritando as verdades — desarmava, e encolhidamente se incorporava no sequito de S. Ex^a! Era duro... Mas, que diabo, havia tambem o interesse do paiz! — E tão admiravel lhe appareceu esta razão que a bradou, na mudez da estrada.

Sim, o paiz! Quantas reformas a defender, a realisar! Em Coimbra, no quinto anno, já se occupára da Instrucção Publica, d'uma forte remodelação do Ensino, todo industrial, todo colonial, sem latim, sem bellas-lettas, creando um povo pratico de Productores e d'Exploradores... Até os camaradas, nos sonhos ondeantes de Futuro, quando repartiam os Ministerios, concordavam sempre: — « O Gonçalo para a Instrucção Publica! » Pelo seu talento, pelo seu saber, todo elle pertencia á Nação, como os grandes Ramires armados. E por ella cumpria que o seu orgulho de homem cedesse ante a sua lealdade de cidadão... De resto, que diabo! se elle não tinha outro caminho, senão o Cavalleiro!

De certo, seria bem penoso esse momento, no Governo Civil, ao empurrar a porta do gabinete do « animal »... E quem sabe? Entre elles palpitava affogadamente todo um passado de camaradagem, que talvez revivesse n'esse primeiro encontro, insensivelmente as enlaçasse n'um abraço, onde tudo se esqueceria fundido na emoção d'espíritos fraternos que se reatam... Em todo o caso devia correr logo de manhã a Oliveira, ao Governo Civil, por causa do Casco. D'esse passo desagradavel dependia o seu socego precioso. Nunca elle poderia trabalhar com tranquillidade na sua Novella, trilhar a quieta estrada de Villa-Clara, sentindo que em torno o outro rondava com a espingarda. Para não regressar aos costumes rudes dos seus avós, circulando atravez do Concelho entre as carabinas dos seus creados, necessitava o Casco ameaçado, aterrado, immobilizado... Era pois inadiavel entrar no Governo Civil, reclamar altamente da Auctoridade, para bem da Ordem, a quietação do Casco, essa fera! E depois, deante do Cavalleiro, veria... — « Depois veremos. »

E ancorado n'esta resolução o Fidalgo da Torre parou, olhou. Parara rente á grade do cemiterio que a lua branqueava como um lençol estendido. Ao fundo da alameda que o dividia, um grande Christo solitario, mais livido e solitario no luar, pendia da sua larga cruz negra, com uma lampada aos pés esmorecendo. Em torno eram altos cyprestes, alvuras de lapides, outras cruces de campa, uma paz morta pesando sobre os mortos... E, no alto, a lua parada, amarella. Então bruscamente o Fidalgo sentiu um terror do Christo, das lapides, dos mortos, da lua, da solidão. E largou n'uma carreira até avistar as casas da Calçadinha, por onde rolou como uma pedra solta. Ao desembocar no Largo do Chafariz, o Pedro estanqueiro fechava a porta do estanco. Villa Clara adormecera. Um cão uivava na rua da Assembléa. E, ainda no susto da noite e do silencio, Gonçalo correu á taberna do Braz, buscar, os creados que esperavam com as carabinas — para atravessar de novo a villa até a cocheira do Torto, recommendar que lhe mandassem á Torre, ás nove horas da manhã, a parelha russa. Mas atravez do postigo, que se abria com cautella, no immenso portão chapeado, a mulher do Torto gemeu:

— Ai, meu Deus, não sei se poderá... Elle ás nove tem um serviço... Pois não faria mais conta ao Fidalgo ahi pela volta das onze?

— Ás nove! berrou Gonçalo, impaciente.

Desejava chegar cedo par evitar a curiosidade d'aquelles cavalheiros de Oliveira, — que depois do meio dia, vadiavam na Praça, fumando por debaixo da Arcada.

(Continúa.)

EÇA DE QUEIROZ.

LEÇONS DE CHANT

L'ÉTOILE

Poésie de MICHEL CARRÉ, musique de EUGÈNE DIAZ, publiée avec l'autorisation de M. LÉON GRUS, éditeur, place Saint-Augustin.

MANIÈRE D'INTERPRÉTER « L'ÉTOILE »

M. GRUS, le très aimable éditeur, m'autorise à faire passer l'Étoile de M. DIAZ, l'heureux compositeur du *Roi Candaule*, joué au Théâtre Lyrique, de la *Coupe du roi de Thulé*, dont le succès fut très grand sur la scène de notre Opéra national, et enfin de *Benvenuto Cellini*, autre ouvrage joué avec non moins de succès à l'Opéra-Comique il y a quelques années.

M. DIAZ est en outre le compositeur d'un grand nombre de mélodies fort appréciées du public et des musiciens. C'est un mélodiste dans toute l'acception du mot; sa musique claire et très vocale peut être chantée par tous ceux qui possèdent un peu de voix. Dans chacun de ses ouvrages, on rencontre un *air type*, dont s'emparèrent les professeurs de chant soucieux de ne pas fatiguer la voix de leurs élèves. Moi-même, j'ai, il y a quelques années, dédié mon petit ouvrage : *Le Guide du chanteur*, à M. DIAZ; ce, pour rendre hommage au musicien et au mélodiste n'écrivant que de la musique *chantable*.

Je dirai enfin (et en cela je commets une petite indiscretion) que M. DIAZ a écrit pour un théâtre de genre un opéra-comique qui sera joué sous peu; j'ajouterai que cet opéra-comique a pour titre : *La Grange aux belles*, (joli titre, n'est-ce pas?), dont la musique est pleine d'esprit, de fraîcheur, et où la mélodie coule à pleins bords. Ce sera un nouveau succès pour M. DIAZ, succès dont personne ne se réjouira plus que moi.

Examinons maintenant l'Étoile :

Commencez *piano*, dans un mouvement assez lent, mais sans *trâner* et en observant partout les *croches* écrites en *triolet* : « Ma bien-aimée a pour voile le bleu firmament, Hélas! pauvre amant, épris d'une étoile, chacun rit de mon tourment. » Continuez dans le même mouvement et avec beaucoup d'expression : « Quand la nuit scintille, quand le ciel est pur. » Augmentez l'intensité de la voix au fur et à mesure et retardez un peu la fin de la phrase : « à mes regards brille son palais d'azur, et dans l'air limpide ». Accentuez un peu le *sol* et le *fa* aigus, sans ralentir le mouvement. « Alors je la vois descendre rapide, descendre et venir à moi. » Chantez sur le plein de la voix, sans *pousser* : « Les rayons de flamme de ses yeux charmants me remplissent l'âme de ravissements. » Continuez plus *piano* : « Mais le ciel se dore et bientôt l'aurore nous sépare encore. » Accentuez et augmentez le son : « Hélas! malheureux, je suis amoureux d'un astre des cieux. » Attaquez le *ré* sur le mot : « Ah! » tenez-le assez longtemps de façon à diminuer la voix pour entrer dans la phrase suivante sans respirer : « Ma bien-aimée; » respirez maintenant et continuez en élargissant : « a pour voile le bleu firmament. Hélas! pauvre amant épris d'une étoile; respirez : « chacun rit de mon tourment. » Chantez sur le plein de la voix et avec beaucoup d'expression : « Hélas! pauvre amant! » Je conseille à ceux de mes lecteurs qui ne donneraient le *sol aigu* qu'avec difficulté de faire le changement indiqué *mi, ré*, sur le mot « amant ». Il vaut mieux pour l'auditoire et pour soi donner un *ré* avec facilité que donner difficilement un *sol*; tout le monde y gagne.

QUELQUES CONSEILS

Du choix d'un professeur.

Je ne me dissimule pas la délicatesse du sujet que je vais traiter; néanmoins, je dois à mes lecteurs de leur dire toute ma pensée, sans autre parti pris que celui de leur être utile.

Il y a professeurs et professeurs!

Il y a ceux qui enseignent consciencieusement ce qu'ils ont appris et ce que l'expérience leur apprend chaque jour. Il y a aussi les ignorants (ceux-là, hélas! font partie du plus grand nombre) qui n'ont rien appris, qui ne savent rien, si ce n'est l'art de briser les voix.

Les qualités d'un professeur de chant, digne de ce

titre doivent être les suivantes: Pour bien enseigner, il faut beaucoup savoir. Nul ne peut se dire professeur s'il n'est en état de rendre compte avec logique et clarté des choses qu'il prétend enseigner aux autres et des moyens qu'il emploie pour arriver à ce but. Diverses qualités sont nécessaires pour réaliser ce programme: les unes s'acquièrent par l'étude, les autres résultent des aptitudes naturelles.

La musique étant la langue des chanteurs, il faut que le professeur de chant l'apprenne à fond et la parle couramment. Outre la lecture musicale, il doit connaître les ouvrages lyriques des grands maîtres, de manière à les analyser, les commenter, les exécuter devant l'élève, avec le style, le caractère, les accents propres à chacun d'eux. Enfin, il doit fouiller avec persévérance le champ sans limites de l'art musical et s'assimiler avec soin tout ce qu'il y pourra rencontrer d'utile à l'enseignement.

Quelque fort que l'on soit en théorie, on ne peut échapper à la nécessité de donner l'exemple et lorsque l'élève en arrive à poser cette inévitable question: « Comment faut-il faire? » je ne sais rien de plus concluant après une saine explication, que d'exécuter devant lui le passage qui l'embarrasse. D'autre part, la voix étant un phénomène parfaitement défini, connu, il est impossible à ce même professeur de rester étranger à quoi que ce soit du mécanisme vocal, puisque la connaissance de ce mécanisme lui fournit les moyens certains de développer la voix sans la compromettre, d'en augmenter les ressources, d'en corriger sûrement les défauts. En fin de compte, on ne saurait admettre qu'un homme ne sache pas jouer de l'instrument qu'il enseigne.

Je dis aux élèves: Défiiez-vous des professeurs qui ne donnent pas l'exemple en chantant eux-mêmes; défiiez-vous des instrumentistes de toutes sortes qui se livrent à l'enseignement du chant. Ceux-là sont les pires ennemis de l'organe vocal. Confiez-leur une voix, ils ne sauront par quel bout la prendre; ils feront chanter les barytons à un ténor, les soprano à un contralto, etc.

Ils ne s'occupent ni du tempérament de l'élève, ni de son organisation musicale; ils vont à l'encontre de l'un et de l'autre, sans souci de ce qui pourra en découler.

Est-ce en jouant du piano, de la flûte ou du violon, que l'on acquiert les connaissances nécessaires au professeur de chant?... Certainement non! Il n'est même pas rare de rencontrer tel artiste lyrique ayant fourni une brillante carrière au théâtre, n'ayant aucune des aptitudes nécessaires à l'enseignement. Alors, me demandera-t-on: A qui faut-il s'adresser? La question est délicate; je vais y répondre en toute sincérité.

L'élève doit, avant de faire choix d'un professeur, assister aux cours de plusieurs d'entre eux; ceux qui s'y refuseront devront être mis de côté. Le professeur qui, sous un prétexte quelconque, ne permet pas l'accès de ses cours est un ignorant, qu'il faut éviter à tout prix. Quand l'élève se sera rendu compte de la façon d'enseigner de différents maîtres, il sera plus à même de choisir celui qui lui semblera réunir les qualités nécessaires.

Une objection se dresse. L'élève saura-t-il toujours faire un choix judicieux, parmi les professeurs qu'il aura entendus? Je ne le prétends pas. Mais, en attendant que les maîtres de chant soient diplômés, comme le sont les médecins, les avocats et les instituteurs; je ne vois pas d'autre moyen de s'assurer de leur talent. Cependant, j'ajouterai qu'il est facile de s'assurer des connaissances du professeur, à l'audition de ses élèves.

Quand, en général, ces derniers n'ont pas la voix posée, que l'émission est défectueuse, qu'ils chevrotent, que la prononciation est mauvaise et que le style est nul, le professeur est sans talent.

Conclusion: le professeur doit fournir à l'élève le moyen pratique de triompher de toutes les difficultés vocales, il doit lui faire comprendre et exécuter, avec un sentiment vrai, les grandes œuvres lyriques, enfin, il doit lui imprimer le cachet de toute bonne méthode, c'est-à-dire le mettre en état d'enseigner aux autres ce qu'il aura appris, tel est le triple but auquel doit aspirer tout professeur qui veut faire sérieusement et honnêtement l'éducation de ses élèves.

P. MARCEL.

3^{ème} Leçon de Chant

L'ÉTOILE

Paroles de
MICHEL CARRÉ

ŕ 3

Musique de
EUGÈNE DIAZ

POUR MEZZO-SOPRANO

And^{te} espressivo.
p Con amoroso.

Ma bien ai -
- mée a pour voi - le Le bleu fir - ma - ment Hé - las pauvre a - mant E - pris d'une é -
- toi - le Chacun rit de ton - tour - ment Quand la nuit scin -

Rit *p*

Cresc.
- air à moi Les rayons de flam - me -
De ses yeux char - mants Me remplis - sent l'a - me De ra - vis - se -
- ments Mais le ciel se do - re Et bientôt l'au -
- ro - re Nous sé - pare en co - re Hé - las! malheu -

Suivrez *pp*

Péd *Péd* *Péd*

Ritén
- til - le Quand le ciel est pur
A mes re - gards brél - le Sou - pas - las da - tur
Et dans l'air lim - pi - de A lui - je la
vois Des - cen - dre ra - pi - de Des - cendre et se -

Ritén. Espress

Piu largo
reux Je suis a - mou - reux D'un as - tre des cieus - ah!
Tutti anima
Ma bien ai mée a pour voi - le Le bleu fir - ma -
- ment Hé - las pauvre a - mant E - pris d'une é - toi - le Chacun rit de mon - tour -
Fauste
- mant Hé - las! pauvre a - mant!
Rit *pp*

Suivrez *Rit*

Péd *Péd*

MATHIEU-DEROUCHE

39, Boulevard des Capucines, 39 — PARIS

ASCENSEUR

TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteraveis** vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889.

Membro do Jury 1893. — Membro dos *Comités* d'admissão da Exposição de 1900.

ENVIASE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE MONKEY BRAND

Sem Rival para limpar toda a especie de metal

Renova completamente dando o lustro primitivo

O SABONETE **MONKEY BRAND** FABRICADO POR **BROOKE'S**

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

MABY & C^o
Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA
38, Rue du Quai

MABY & C^o

ANTUERPIA
38, Rue du Quai



J. COSTA & C^o

BOOT-MAKERS. BOTTIERS. ZAPATEROS

277, RUE SAINT HONORÉ, 277

(PRÈS DE LA RUE ROYALE)

PARIS

TÉLÉPHONE

ESPINGARDAS DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1ª qualidade

A. GUINARD

FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

PARIZ — 8, Avenue de l'Opéra — PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sêllos de 25 centimos.



Marca da Fabrica
da casa Guinard



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inoffensivo. Quando se toma em qualquer momento de um accesso de Euxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dor em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A Cerebrine actua maravilhosamente contra o *tico doloroso da cara*, as *neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes*, contra o *zona (cobreiro)*, a *vertigem estomacal*, o *lumbago*, a extenuação resultante da fadiga, do *trabalho à sobreposse* ou de um *resfriamento* e particularmente contra as *colicas periodicas das senhoras*.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depósitos nas principaes cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provençe, Pariz.

MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCESSO

CLÉRICE (J.). <i>Ségovie</i> , Dansa hespanhola	Liq.	1 70
CAMILLE ERLANGER, <i>Serenata carnavalesca</i>	2	
GALLÉOTTI (C.). <i>Valsa melancolica</i>	1 70	
GUIRAUD e SAINT-SAENS. <i>FREDEGONDE</i> , Aria do bailado n.º 1.	1	
HAAKMAN (G.). <i>Pendant le bal</i> , Intermezzo-valsas.	1 70	
LACOME (P.). <i>Berceuse</i>	1 35	
MARÉCHAL (H.). <i>Desdemona adormecida</i>	1 35	
MULDER (J.). <i>Napolitano</i> , Tarantella	1 70	
PESSARD (E.). <i>Les Guêpes</i> , Aria do bailado	2	
— <i>La Tzigane</i> , Mazurka	2	
PFEIFFER (G.). <i>Chœur des fileuses de KERMARIA</i>	1 70	
— <i>Musette et binou</i>	1 35	
SALVAYRE (G.). <i>Albanaise</i> , Dansa	2	
SOMA (J.-B.). <i>La Fiesta de los niños</i> , Bolero	1 35	
WITTMANN (G.). <i>Marche du Figaro</i>	1 70	

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ :

1878. MEDALHA DE OURO | 1889. FORA DE CONCURSO

A MAIS ALTA RECOMPENSA DADA AOS ADUBOS

MEMBRRO DO JURY DE RECOMPENSAS

SOCIEDADE ANONYMA

DE

PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Sêde social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, administradores

ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para cafézeiro, despeza por pé: 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.

— cacaoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.

— canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

INFORMAÇÕES, ANALYSES — LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA EM PARIZ E EM BORDEAUX

Dirigir-se aos Administradores da Sociedade:

30, rua des Allamandiers (BORDEAUX).

15, rua des Petits-Hôtels (PARIZ).

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Capital realizado : 5.000:000\$000

Fundos de reserva : 1.036:653\$758

Fabrica e vende as melhores machinas para a lavoura, artes e industrias, para o que tem grandes officinas nas ruas do Triumpho e Monsenhor Andrade.

FABRICAÇÃO EXCLUSIVA DAS SEGUINTE MACHINAS PRIVILGIADAS :

Seccador de café : AUGUSTO RAMOS

Descascador de café : EUGELBERG SICILIANO

Despulpador de café : MECHANICA

Separador de arame : AVIGNON

Catador de café : MANFREDI

Batedor mechanico para refinação de assucar : HENZI

Tem sempre em deposito ferro em barra e em chapas, telhas de zinco, arame farpado e liso, phosphato de cal, cimento, tubos pretos e galvanizados, emfim todos os artigos concernentes a este ramo.

Agentes dos afamados fabricantes de vapores. **ROBEY et C^o L^a**, **RICHARD HONRSBY et SONS L^a** (Inglaterra)

AGENTES DE OUTRAS FABRICAS DA EUROPA E ESTADOS UNIDOS

Escriptorio em Londres : 67, Queen Victoria Street, E. C.

Escriptorio Central : Rua 15 de Novembro, n^o 36

SÃO PAULO

MEALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

LUDWIG LEONHARDI

MEALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

ESTABELECIDO NOS ARREDORES DE ZURICH (SUISSA)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE CAES DE TODAS AS RAÇAS

Montanhezes
São-Bernardos

Dogues de Ulm

Carlindogues

Dachshund
ou
Basset



Dinamarquezes
Escuros
e Dinamarquezes
pintados
(1^o premio)

Caes pastores

Wolf-Spitz
e
Pequenos Spitz

Serviço de expedição de primeira ordem e de toda a garantia para todos os paizes

Para todas as indicações dirigir-se ao escriptorio da « Revista Moderna »

Revista Moderna

MAGAZINE BRAZILEIRO E PORTUGUEZ

Direcção de M. BOTELHO

O MAIS COMPLETO E O MAIS ARTISTICO QUE SE TEM FEITO EM LINGUA PORTUGUEZA

PUBLICA QUINZENALMENTE :

Romances, Novellas, Chronicas, Actualidades, Politica Internacional, Viagens, Modas, Sport, Supplementos Musicaes, Retratos artisticos e Illustrações em Côres

Brevemente será posto á venda no BRAZIL e PORTUGAL

O PRIMEIRO VOLUME DA REVISTA MODERNA

Contendo **400** paginas em magnifico papel, mais de **450** illustrações e **6 hors-textes** verdadeiras gravuras de arte

2 Supplementos musicaes e 2 Supplementos de Modas

COLLABORADO PELOS EMINENTES ESCRIPTORES :

Eça de Queiroz

Eduardo Prado — Trindade Coelho — Conde de Ficalho — Magalhães de Azeredo — Conde d'Arnoso — Batalha Reis — João da Camara — Domicio da Gama — Jayme de Séguier — Maria Amalia Vaz de Carvalho — Christovam Ayres — Conde de Sabugosa — Henrique Lopes de Mendonça — Xavier de Carvalho — Fontoura Xavier — Mariano Pina — José Pessanha — Arnaldo Fonseca — Domingos Guimarães — Pereira de Sampaio — Luiz de Magalhães — Alfredo da Cunha — Abel Botelho — José Sarmiento — Henrique de Vasconcellos — Filinto d'Almeida — Silva Bastos — Anthero de Figueiredo — Coelho de Carvalho — Camara Lima — Raymundo Corrêa — A. da Cunha, etc.

Tendo a empresa da Revista Moderna resolvido uma limitada tiragem pedimos aos nossos leitores que desejarem possuir o nosso *Primeiro* volume que façam com antecedencia os seus pedidos a todos os nossos agentes em Portugal e Brazil.

A REVISTA MODERNA assigna-se em todas as Livrarias

PREÇO DAS ASSIGNATURAS :

BRAZIL	UNIÃO POSTAL	PORTUGAL
Um anno 50\$000	Um anno 40 francos	Um anno 10\$000
6 mezes 30\$000	6 mezes 24 " "	6 mezes 5\$500
Numero avulso 2\$500	Numero avulso 2 " "	Numero avulso 500